



FACULTADE DE FILOLOXÍA

Grau em Línguas e Literaturas Modernas

Itinerário em Língua e Literaturas Lusófonas

O movimento do *slam poetry* no Brasil como instrumento de denúncia social

Autora: Noemi Santamaría Estévez

Tutor: J. Carlos Quiroga Díaz

Santiago de Compostela

Curso académico 2020/2021



FACULTADE DE FILOLOXÍA

Grau em Línguas e Literaturas Modernas

Itinerário em Língua e Literaturas Lusófonas

O movimento do *slam poetry* no Brasil como instrumento de denúncia social

Autora: Noemi Santamaría Estévez

Tutor: J. Carlos Quiroga Díaz

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Noemi', with a stylized flourish underneath.

Asdo: Noemi Santamaria Estévez

Santiago de Compostela

Curso académico 2020/2021

ÍNDICE

1. Introdução	6
2. O que é o <i>slam poetry</i> ?	7
2.1. Origem do <i>slam poetry</i>	7
2.2. Regras e organização dos eventos	9
2.3. Controvérsias e desconfortos	10
3. O <i>slam poetry</i> como literatura marginal	12
4. O <i>slam poetry</i> como poesia oral performática	15
4.1. Conceito de performance	15
4.2. Conceito de oralidade	17
6.3. Estética da receção	20
5. O <i>slam poetry</i> como instrumento de denúncia social	21
5.1. Desigualdades raciais e falta de oportunidades	23
5.2. Contexto de violência	30
5.3. Herança africana	35
5.4. Feminismo	39
5.5. Crítica ao governo e aos média	45
6. Conclusões	47
7. Bibliografia	49
8. Anexos	52

CUBRIR ESTE FORMULARIO ELECTRONICAMENTE

Formulario de delimitación do título e resumo

Traballo de Fin de Grao curso 2020/2021

APELIDOS E NOME:	Santamaría Estévez, Noemi
GRAO EN:	Linguas e Literaturas Modernas
(NO CASO DE MODERNAS) MENCIÓN EN:	Lingua Portuguesa e Literaturas Lusófonas
TITOR/A:	J. Carlos Quiroga Díaz
LIÑA TEMÁTICA ASIGNADA:	Cultura e Literaturas Lusófonas

SOLICITO a aprobación do seguinte título e resumo:

Título: O movemento do *slam poetry* no Brasil como instrumento de denuncia social.

Resumo [na lingua en que se vai redacta-lo TFG; entre 1000 e 2000 caracteres]:


O *slam poetry*, também conhecido como “batalhas de poesia”, ou “campeonatos de poesia falada”, surge nos Estados Unidos na década de 1980. É um género poético de origem popular que se caracteriza pela representación oral de poemas autorais, cumprindo umas regras determinadas e com a avaliação posterior de um júri.

No presente traballo, estudar-se-á a integración e a consolidación deste movemento no contexto brasileiro. No entanto, falar de *slam poetry* não é apenas falar de um movemento literário. Deste modo, o objetivo deste traballo consiste na análise do *slam* pondo em foco a heterogeneidade do seu discurso e a utilização deste como um instrumento de denuncia social perante as problemáticas que atingem uma boa parte da sociedade brasileira. Assim, estarão na base da investigación estudos do campo da antropologia, da literatura marginal e da cultura de periferia.

À sua vez, também será de suma importância a análise da vinculação dos *slams* com outras artes de carácter oral ou performático, dos seus métodos de divulgação e dos espaços geográficos em que se desenvolvem. Em relação com este último ponto, escolheu-se como principal referência a cidade do Rio de Janeiro.

SR. DECANO DA FACULTADE DE FILOLOXÍA (Presidente da Comisión de Títulos de Grao

Santiago de Compostela, 23 de novembro de 2020.

<p>Sinatura do/a interesado/a</p> 	<p>Visto e prace (sinatura do/a titor/a)</p> <p>Firmado por QUIROGA DIAZ JOSE CARLOS - 34251593Q el día 22/11/2020 con un certificado emitido por AC FNMT Usuarios</p>	<p>Aprobado pola Comisión de Títulos de Grao con data</p> <p>Selo da Facultade de Filoloxía</p>
---	--	--

1. Introdução

No presente trabalho de fim de grau apresenta-se uma investigação sobre o movimento do *slam poetry* como instrumento de denúncia social no caso concreto do Brasil. Realiza-se através de duas partes complementárias: uma parte teórica, em que se definirá o *slam poetry* e se enquadrará em diferentes ramos artísticos e literários, em função das suas características; e uma parte de carácter prático em que serão compiladas composições do *slam*, com o propósito de demonstrar o seu funcionamento como um instrumento de denúncia perante as injustiças da sociedade, em concreto da brasileira.

Na primeira parte do trabalho explica-se o que é o *slam poetry*, como se desenvolve, quais são as suas regras e que particularidades adquiriu no contexto brasileiro. É um movimento interdisciplinar que dialoga com outras artes e que oferece uma ampla possibilidade para a experimentação, de tal modo que serão também analisados diversos ramos dos estudos literários, tais como a literatura marginal, a poesia oral e a *performance*.

Já na segunda parte do trabalho analisa-se o conteúdo temático das criações dos *slams* brasileiros, com o objetivo de apresentar esta prática como um instrumento útil de denúncia social e até como uma forma alternativa de conhecer uma boa parte da história brasileira, geralmente ignorada.

Neste sentido, a metodologia que se esperava seguir para a parte prática do trabalho teve de mudar radicalmente por causa da pandemia *covid-19*. A ideia inicial consistia em realizar uma pesquisa etnográfica a partir do método de observação participante, assistindo aos eventos de *slam* organizados no Rio de Janeiro presencialmente. Isso seria possível ao amparo da estadia académica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que estava prevista para o momento de realização desta investigação, mas que teve de cancelar-se por causas de prevenção sanitária¹.

Consequentemente, foi elaborado um *corpus* a partir dos materiais disponíveis na rede, facto que dificultou em certo modo o trabalho por ser este um movimento de tipo oral e *performático*, que muda em função de quando e onde acontece. Para além disso, os textos geralmente não estão disponíveis em versão escrita, a não ser em pequenos livros em formato *fanzine* distribuídos nos próprios eventos de *slam poetry* e muito difíceis de

¹ Os próprios eventos de *slam poetry* foram cancelados também a posteriori ou adaptados a uma modalidade *online*.

conseguir fora do Brasil.² Uma vez elaborado o *corpus* foram classificadas as temáticas que mais se repetiam, e posteriormente analisadas em função do seu tom de denúncia a respeito da sociedade brasileira.

Por último, mesmo não sendo objetivo direto, este trabalho também pretende dar mais um contributo para a quebra da ideia tradicional acerca da Literatura, e para fazer com que dentro do cânone universitário se incorporem movimentos literários que ainda não gozam de um *status* de legitimidade.

2. O que é o *slam poetry*?

O *slam poetry* é um movimento poético e quase até poderíamos dizer social que surge nos Estados Unidos na década de 1980 e que se caracteriza pela representação oral de poemas autorais, cumprindo umas regras determinadas e com a avaliação posterior de um júri. Chamado também de “batalha de poesia”, de “campeonato de poesia falada” ou simplesmente de *slam*³, pode ser definido de diversas maneiras: “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da actualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento” (D’Alva, 2011: 120). Afinal, são “campeonatos de disputa poética que acabam por se converter em assembleia, lugares de entretenimento e divulgação de trabalhos artísticos” (Stella, 2015: 4).

2.1. Origem do *slam poetry*

O primeiro *slam poetry* data do ano 1986 e aconteceu no Green Mill Jazz Club, “um bar situado na vizinhança de classe trabalhadora branca no norte de Chicago” (D’Alva, 2011: 120). O seu fundador foi o ex-construtor e poeta Marc Kelly Smith, membro do grupo *Chicago Poetry Ensemble* com quem criou “a weekly poetry show that has turned into an international movement. He christened the show the Uptown Poetry Slam⁴”

² No Brasil este movimento já está o suficientemente consolidado como para existir uma versão de tipo mais comercial com uma maior quantidade de documentos gráficos disponíveis na rede. No entanto, preferimos não incluir no trabalho esses materiais pois, de acordo com Nascimento (2019: 205-206), “a competição exacerbada nas arenas e a cooptação midiática acabam por criar um time seletivo de “superpoetas” trazendo um excessivo culto à personalidade de *slammers*, que nada tem a ver com as “filosofias” do *slam*” e que “acabam por utilizá-lo a serviço não de uma comunidade, mas do capital”.

³ O termo *slam* procede da terminologia do beisebol, pois chama-se de “slam” quando o jogador consegue pegar na bola.

⁴ O *Uptown Poetry Slam* continua ativo a dia de hoje e sem ter mudado a sua localização. Na sua apresentação oficial em *facebook* encontra-se a descrição a seguir: “The Uptown Poetry Slam is the one the started them all - the original poetry slam on the planet and the longest running nightclub show in

(Smith: 2021). Num início, eram “noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos [...] e mais tarde as competições de poesia” (D’Alva, 2011: 120). Essa passagem da simples performance poética à competição – a qual acabaria por adquirir as regras que atualmente definem o slam – deveu-se a uma situação improvisada, tal e como descreve Willett (2009: 4):

Smith encontrou, por acaso, um formato que “pegou”. Ele realizou uma competição simulada no final do show, deixando o público julgar os poemas apresentados no palco primeiro com vaias e aplausos e, posteriormente, com pontuação numérica. O público foi compelido por este formato e Smith logo fez da competição uma atração regular nas noites de domingo do bar Green Mill”⁵.

Esta modalidade de competição poética tem-se espalhado rapidamente por diversos pontos do mundo, adquirindo novas características e adequando-se a novas realidades geográficas e contextos socioculturais. De acordo com o website oficial de Marc Smith (2021), “since then, performance poetry has spread throughout the world exported to over 1000 cities large and small”.

Assim, as competições que se iniciaram em Chicago rápido se tornaram nacionais, criando-se em 1990 o primeiro *National Poetry Slam* na cidade de São Francisco. Será em 2002 que, tendo triunfado para além do território nacional, se celebra o primeiro campeonato internacional de *slam poetry* na cidade de Roma e será em 2007 – até os nossos dias – que se celebra também a *Copa do Mundo de Poesia Slam* na cidade de Paris⁶ entre os meses de maio e junho de cada ano.

No caso do Brasil, o primeiro *slam poetry* data do ano 2008 e foi organizado na cidade de São Paulo com o nome de *Zap! Slam*⁷. A sua principal impulsora foi Roberta Estrela D’Alva⁸ através do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, uma cooperativa teatral que tem como fundamento o diálogo com a cultura hip-hop. Será a partir de 2011 que o

Chicago. Founded by Marc Kelly Smith in 1986, the show still goes on every single Sunday at 7PM at The Green Mill”. Disponível em: < <https://www.facebook.com/uptownpoetryslam/> > [Última consulta: 3/05/2021].

⁵ Carregado tirado de D’Alva (2011: 120).

⁶ De acordo com Neves (2017: 96) “lá, a divulgação do evento na mídia é estrondosa: televisão, jornais, rádio, *outdoors*, cartazes no metrô [...], bem diferente do Brasil, em que a divulgação dos *slams* é ainda tímida”.

⁷ O nome deriva duma onomatopeia que, segundo a criadora, funciona à sua vez como uma sigla para significar “Zona Autônoma da Palavra” (Neves, 2017: 93).

⁸ “Atriz-MC, diretora musical, pesquisadora, apresentadora de um programa juvenil na TV-Cultura de SP e afiliadas, e *slammer* (poetisa) brasileira. [...] Foi uma das fundadoras da primeira companhia de teatro hip hop do Brasil, o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, e da Frente Três de Fevereiro, além de colecionar diversos prêmios em seu currículo artístico” (Neves, 2017: 93-94).

movimento começa a ganhar destaque no país inteiro quando a já mencionada Estrela D’Alva ficou em terceiro lugar na Copa do Mundo. Conseqüentemente, “em dezembro de 2019, foram mapeadas pela organização do SLAM BR mais de 200 comunidades de slam em 19 estados” (Nascimento, 2019: 177).⁹

Isso faz com que existam já eventos nacionais de renome, destacando sobretudo dois: o *SLAM BR* e o *Rio Poetry Slam*. O primeiro é o Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, organizado pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos em 2014 e que tem lugar anualmente na cidade de São Paulo com o objetivo de reunir os vencedores de todos os *slams* do país e decidir quem será a pessoa representante na Copa do Mundo de Slam Poetry. O segundo, também organizado desde 2014, é um campeonato internacional – de facto, o primeiro campeonato internacional de poesia falada da América Latina – inserido na programação da FLUP (Festa Literária das Periferias) e que reúne *slammers* vindos de todo o mundo neste reconhecido evento literário que tem lugar todos os anos em diferentes comunidades do Rio de Janeiro.

2.2. Regras e organização dos eventos

Como já foi mencionado, os eventos de *slam poetry* acabam por adequar-se e por amoldar-se aos diferentes contextos e geografias em que têm lugar. No entanto, “na maior parte das comunidades existem três regras fundamentais que são mantidas: os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical” (D’Alva, 2011: 122). Estas três regras fundamentais fazem com que exista um enfoque de autorrepresentação – também chamado de “autoperformance” (Stella, 2015: 9) –, com que os poetas se vejam obrigados a comprimir a sua mensagem e a escolher o mais importante que têm a dizer nesses três minutos e com que o corpo, a voz, o movimento e a teatralidade sejam elementos fundamentais.

O público é quem marca o início do evento com o grito de paz, o qual é próprio para cada *slam*. Uma vez iniciado, a batalha organiza-se em três rodadas: “são geralmente de 14 a 18 poetas inscritos na primeira rodada, desses somente os 5 com maiores notas passarão para a segunda rodada e apenas 3 chegarão à rodada final” (Stella, 2015: 11). A nota vai de 0 a 10, e o júri está formado por pessoas aleatórias do público que não têm relação com os poetas inscritos e que foram selecionadas ao iniciar-se o evento.

⁹ Mapeamento disponível no *anexo 1* deste trabalho.

Existe também um mestre de cerimónias, a quem “cabe cuidar do andamento da batalha, chamando os nomes dos poetas que devem declamar, dizendo aos jurados a hora de levantar as notas, ele anuncia as notas tiradas e os poetas vencedores de cada rodada” (Stella, 2015: 8).

Mas o *slam poetry* não é apenas o que acontece no momento das batalhas e das declamações, pois “sempre recebem convidados especiais: músicos, rappers, DJ’s, MC’s, artistas plásticos, escritores [...], grupos de danças populares, etc. Durante os intervalos entre uma rodada e outra da competição é comum acontecerem apresentações musicais, de dança, leitura de poemas de autores estreados, etc.” (Stella, 2015: 9). Afinal é um espaço de diálogo não só entre as pessoas participantes e assistentes, mas também entre todos os tipos possíveis de arte e de divulgação cultural.

Quanto ao cenário em que se desenvolvem, o mais habitual é que seja em espaços públicos, mais precisamente em praças e ruas. D’Alva (2019: 187) disse ao respeito que “essa é uma característica particularmente brasileira, já que em todo o mundo os slams costumam ser realizados em locais fechados como *clubs*, bares, centros culturais, teatros e escolas”. Acrescenta ainda que este é um dos motivos que explicam o trunfo do movimento em Brasil, “já que não há necessidade de nada, além de um pequeno grupo de pessoas para dizer e escutar poesia, para que o evento aconteça” e comenta ainda que é também um reflexo de uma das necessidades da sociedade brasileira: a ocupação – ou mais bem recuperação – dos espaços públicos.

Além disso, é habitual que as batalhas terminem antes do horário de fechamento do metrô, “já que muitas pessoas do público e competidores vêm de outros bairros da cidade” contribuindo assim “para a não exclusão de pessoas que moram mais longe da batalha” (Stella, 2015: 12).

2.3. Controvérsias e desconfortos

Como já foi mencionado, o *slam poetry* acaba por ser não apenas um movimento poético, mas também um ponto de união para pessoas e culturas diversas. O que de primeiras parece ser algo positivo, no entanto não fica livre de críticas e controvérsias, pois “afinal expor textos poéticos ao crivo de um júri popular, em pleno espaço público, não condiz com a imagem que se tem da literatura” (Stella, 2015: 1).

Uma das causas que cria maiores desconfortos em certos setores da povoação é justamente o tema principal deste trabalho, pois geralmente os *slammers* “versam sobre

adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte” (Neves, 2017: 92). Para além disso, os poemas podem ser de qualquer forma sempre e quando cumpram com as três regras principais já mencionadas, o que acaba provocando também críticas em relação à qualidade literária e até à língua utilizada. De acordo com Silva (2019: 226):

destituídos de formalismos estéticos e normas consideradas certas e puristas, o jogo de linguagem dessas composições é calcado na chamada “gramática do cotidiano”. Nessa ação, há também uma reflexão sobre a língua dominante, bem como sobre as imposições e prescrições impostas por ela.

Afinal, é um movimento em que “o conceito literário clássico de “poeta” é profanado [...] fazendo cair por terra a visão do que o/a canônico poeta é um ser elevado, privilegiado e “escolhido” pela Musa, cuja voz é inaudível para os comuns mortais” (Nascimento, 2019: 204).

Outra das críticas mais recorrentes tem a ver com o tema da competição e de os *slammers* serem pontuados, pois desde fora parece criar-se um clima de rivalidade que não se corresponde com a filosofia geral do *slam*. No entanto, é um clima de rivalidade amenizado¹⁰ em que o público reclama e se queixa quando considera as pontuações muito baixas e em que “parece que de certa forma está implícito que o mero fato de o poeta declamar um poema o faz merecedor de uma nota no mínimo mais alta do que 7.0” (Stella, 2015: 11). Damon (1998: 334) descreve muito bem esse clima de rivalidade amenizado ao definir as batalhas da seguinte maneira:

Strongly worded public disagreement, battles of wit and argumentation, are purposefully spectacular, on display as opportunities for community formation, education, entertainment, intellectual and artistic expression. Dissidence, dissonance, and difference are not punished but rather studied, celebrated, performed, and challenged in discursively productive ways.

São por tanto batalhas que não procuram uma rivalidade negativa e uma confrontação entre os *slammers*, mas sim um diálogo entre eles e uma vontade de amenizar o evento coletivamente.

¹⁰ Neves (2017: 101) inclui exemplos de frases de consolação e motivação que os organizadores dizem recorrentemente para amenizar o clima de rivalidade dos slams, tais como “aqui ninguém está acima de ninguém”; “o slam é um lugar de encontro democrático”; “ninguém sai daqui menos poeta, se perder”; “no slam no final a poesia é quem vence”, etc.

3. O *slam poetry* como literatura marginal

As controvérsias e desconfortos mencionados previamente são apenas uns poucos exemplos caracterizadores da denominada literatura marginal, campo literário no qual se enquadra o *slam poetry*. Escolheu-se o conceito 'literatura marginal' por ser o mais popularmente conhecido, mas há outras aceções que também podem ser aplicadas ao *slam*, tais como “campo literário marginal periférico” (Stella, 2015), “vozes das margens” (Hall, 2003), “vozes do sul” (Moita Lopes, 2006), “vozes do corpo” (De Certeau, 2004), “contraliteraturas” (Mouralis, 1982), “cultura de periferia” (Araújo, 2018), “cultura de resistência” (Bosi, 1992) ou “poéticas de resistencia y emancipación” (Casas, 2011). Neste apartado tentamos explicar sumariamente a origem da literatura marginal, a sua evolução e as razões que nos levaram a considerar o *slam* como mais uma manifestação de literatura das margens.

Situamo-nos no Brasil da década de 1970, literariamente marcada pela *Geração do Mimeógrafo*, também conhecida como “movimento 70”, “alternativo”, “independente”, “jovem” ou “marginal” (Villarino, 2002: 137). Mas esse *ser marginal* tinha naquele período um sentido mais restrito do que a marginalidade à que faço referência neste trabalho, pois representava “o autor '*barrado*' nas editoras e que acabava editando e distribuindo por conta própria” (Villarino, 2002: 136), significando apenas estar à margem das instituições. Isso mudaria posteriormente, pois este movimento “começou a centrar a atenção dos críticos, da imprensa, de professores e estudiosos e, também, dos editores; num caminho que se orientou para a institucionalização de uma parte desta produção e dos seus autores” (Villarino, 2002: 137).

No entanto, houve uma segunda fase em que gerações posteriores se apropriaram do termo literatura marginal e acrescentaram nele uma conotação de “ação coletiva sustentada por um projeto intelectual comum, cujo desdobramento é também estético, político e pedagógico” (Nascimento, 2006: 20). Fortemente influenciados pelo lançamento das edições especiais de literatura marginal da revista *Caros Amigos*¹¹, fazem com que a marginalidade na literatura deixe de ser apenas uma “questão estilística formal ou estilo de vida” para converter-se num problema de “natureza histórico-sociológica” (Nascimento, 2019: 17).

¹¹ “A revista *Caros Amigos* foi criada em 1997 pela Editora Casa Amarela, com a proposta de apresentar entrevistas com personalidades de opiniões “críticas” e “independentes” sobre o meio em que se destacam. Os temas abordados são classificados como de interesse geral, mas privilegiam as áreas política, econômica e artística” (Nascimento, 2006: 21).

Com esta nova conotação superam-se as barreiras do exclusivamente literário, pois o que aqui chamamos de 'literatura marginal' emerge como resposta à inexistente representação das classes populares não apenas no âmbito literário, mas no total da sociedade. De acordo com Saraiva (1975: 105), “o desprezo e a desatenção em relação à literatura dita popular é muito mais do que um desprezo e uma desatenção de ordem literária: é o desprezo e a desatenção ao *homem* popular”. Também Dalcastagnè (2015: 199-200) defende esta perspectiva e considera que é a causa de que a literatura – em concreto a brasileira – apresente “una perspectiva social miope”, pois “los silencios de la narrativa brasileña contemporánea, cuando no logramos percibirlos, son reveladores de lo que hay de más injusto y opresivo en nuestra estructura social”.

Existe, pois, uma vontade de apagar as injustiças, as opressões e as desigualdades sociais, de fazer como se elas não existissem. Essa vontade estende-se sobretudo a âmbitos de poder, como podem ser as instituições literárias, as quais recusam textos não por ser inferiores em qualidade literária, mas por serem “textos que, com a sua presença, constituem já uma ameaça para o equilíbrio do campo literário, visto que assim revelam tudo o que nele há de arbitrário” (Mouralis, 1982: 12).

Consequentemente, inicia-se um processo social de autolegitimação e de alçamento da voz que em muitos casos desembocou na denominada 'literatura marginal':

O processo de contra-literatura desenvolve-se assim segundo uma linha que vai da percepção à manifestação da diferença, e, a seguir, da manifestação à afirmação e reivindicação desta última. Vai assim criar uma ameaça constante para o dogmatismo e o etnocentrismo literários, não tende a nada mais do que a relembrar que as coisas podiam passar-se de outro modo. (Mouralis, 1982: 13)

É isso o que acontece com o *slam*, pois nele “há predominância de jovens que sempre foram identificados e definidos pelo que «não são», assim como os locais de onde vêm pelo «que não têm»” (Nascimento, 2019: 214). São jovens que percebem as suas diferenças não como algo natural, mas sim como a herança da opressão e das desigualdades que sofreram – e continuam a sofrer – os seus antepassados e eles mesmos. Essa conscientização leva-os a contribuir para a criação de uma cultura de resistência que “combate para que o *Homo sapiens* do terceiro milênio não pague com a doença, a sujeira, a desintegração e a morte o preço de um crescimento cego e desigual entre os povos” (Bosi, 1992: 383).

Neste sentido, Bosi destaca o mundo das artes de espetáculo, pois de acordo com ele “a presença física, a voz, o gesto, a procura de uma comunicação interpelante e provocadora e envolvente produzem uma forma nova de arte que aspira, no fundo, a superar aquelas barreiras há tanto tempo erguidas pela divisão social” (1992: 20).

Superada, pois, a conotação de literatura marginal como apenas literatura publicada de forma independente e à margem das instituições, fica ainda mais uma característica por esclarecer. Dentro dessa vontade de democratizar a literatura e de estendê-la para além do propriamente literário, convertendo-a em mais crítica com o que se passa na sociedade, existem também autores em que “observamos um querer desvencilhar-se de serem rotulados, pois consideram que a criação literária transcende as delimitações impostas [...] Por outro lado, verificamos, a ânsia de certos grupos se autoproclamarem a uma determinada categoria” (Araújo, 2018: 19). É esse segundo grupo ao que fazemos referência quando estamos a falar de literatura marginal. Quer dizer, “será literatura marginal não apenas por que (*sic*) o poeta é marginal, a temática é a marginalidade e a escrita oral, mas porque o eu lírico se quer marginal” (Araújo, 2018: 16), tal e como acontece com os autores de *slam poetry* cujas obras foram analisadas neste trabalho.

Sucedo a mesma coisa com o termo *cultura de periferia*, uma expressão que perde “a conotação do distante em termos geográficos conforme o sentido original cunhados nos anos 1970, pois atualmente [...] a proximidade geográfica entre os espaços nobres e excluídos é garantida pela arquitetura defensiva apoiada nas guaritas e muros” (Araújo, 2018: 24).

Portanto, situar o *slam poetry* brasileiro num “campo marginal periférico” ou dentro do âmbito da “cultura de periferia” não quer dizer que ele aconteça em pontos geograficamente distantes, mas sim que ele é protagonizado por pessoas que sofrem de desigualdade social e que ocupam espaços com a intenção de fazer-se escutar e de contribuir para uma mudança da sociedade.

À sua vez, situá-lo dentro dos estudos de literatura marginal não quer dizer – apenas – que se situe fora do cânone e das instituições literárias e que tenha como tema central a crítica social. Vai para além disso, sendo autores que se rotulam como marginais, que se reivindicam como tal e que contribuem à formação de um movimento literário consciente e organizado a nível político, cultural e social. De acordo com Araújo, a literatura chamada de marginal e periférica “se encontra atada a elementos que lhe são

externos, como, por exemplo, as reivindicações dos movimentos sociais, e, nesse sentido, é um constructo bem mais heterônimo” (2018: 27).

4. O *slam poetry* como poesia oral performática

Continuando com essa ideia de a literatura marginal ser “um constructo bem mais heterônimo” (Araújo, 2018: 27), qualquer movimento considerado como tal acaba necessariamente por dialogar e por misturar-se com outros tipos de arte. No caso do *slam poetry*, acontece que os seus autores não se dedicam exclusivamente a isso, propiciando um ambiente em que cada *slammer* tira proveito das suas melhores competências para aplicá-las no *slam* e assim surpreender o público, de tal modo que não é estranho encontrar no *slam* traços comuns aos desafios, às pelejas, ao repente nordestino (Roberta, 2019: 176), à *regueifa* tradicional galega, ao *spoken word*, à poesia *beatnik* e ao hip hop (D’Alva: 2011: 120). Consequentemente a este último, também “a dança, da qual se sobressai o *break*, as artes plásticas, representadas pelo *grafite*, e a música, que abrange gêneros como o *deejaying*, o *hip-hop soul* e o popular *rap*” (Souza, 2011: 13).

São portanto competências geralmente relacionadas com as artes performáticas e com a oralidade, conceitos que analisar-se-ão neste apartado em função do seu desenvolvimento no âmbito das literaturas marginais e especificamente no movimento do *slam poetry*.

4.1. Conceito de performance

Com o conceito de *performance* situamo-nos novamente em EEUU na década de 1970, nesse período em que “não foi por acaso que se instaurou [...] uma cultura de resistência” com o objetivo de “salvar as relações fundamentais entre o homem e a natureza, o homem e o homem” e originar assim “uma reação interna às sociedades industriais contemporâneas que emitem anticorpos contra a patologia da modernização” (Bosi, 1992: 383).

No contexto das artes e das literaturas, surgem as primeiras tentativas de resgatá-las de *espaços mortos* e de levá-las para a rua, o que desembocou em um movimento muito relacionado com o teatro mas que vai “más allá de las dramaturgias y de las narratividades –, hasta el umbral de un <<post-modernismo>> (cuyo prefijo significa negación más que consecución) en lo que se ha tomado la costumbre de llamar lisa y

llanamente *performance*” (Zumthor, 1991: 300). Posterior ao movimento do *happening* e diretamente influenciado por ele, Cohen (2004: 134-135) descreve a *performance* da seguinte maneira:

Pode-se dizer, de uma forma genérica, que a *Performance* está para os anos 70 assim como o *happening* esteve para os anos 60.

A partir da classificação em modelo mítico e modelo estético podemos dizer que a principal característica na passagem do *happening* para a *performance* é o “aumento da esteticidade”: se o *happening* marcou a radicalização do que chamamos “teatro mítico”, a *performance* vai tender para uma maior aproximação com o “Teatro Estético”.

De uma forma estrutural, *happening* e *performance* advêm de uma mesma raiz: ambos são movimentos de contestação, tanto no sentido ideológico quanto formal; as duas expressões se apoiam na *live art*, no acontecimento, em detrimento da representação-repetição.

Centrando-nos nesse apoio do “acontecimento, em detrimento da representação-repetição”, Zumthor (1991: 33) define a *performance* como “la acción compleja por la que un mensaje poético es simultáneamente transmitido y percibido, aquí y ahora”, de tal modo que o poema performático é “incomprensible fuera de la situación. Cambiadas las circunstancias y el sentido y la función social del texto recibido se modificarán: un canto revolucionario se convierte en canción de marcha y una canción de amor en canto de protesta política...” (Zumthor, 1991: 157). Quer dizer, “el momento en el que se realiza la *performance*, escogido en el tiempo socio-histórico, no es jamás indiferente, aunque se libere de él y más o menos lo trascienda” (Zumthor, 1991: 158).

Esse comportamento observamo-lo diretamente no *slam poetry*, quer porque um discurso só funciona num determinado período de tempo por causa de referências à atualidade política, social e cultural; quer porque certas temáticas e denúncias só funcionam com um público concreto, deixando de ter sentido se essa mesma atuação é realizada em um outro contexto. Não é por acaso que isso aconteça, pois, tal e como descreve D’Alva (2011: 121), “as comunidades de *slam* organizam-se de acordo com suas realidades, e são incentivadas [...] a levarem em consideração suas especificidades e a criarem dinâmicas de funcionamento que atendam à suas demandas, para que a prática do *slam* se torne orgânica e não algo rígido e aprisionador”.

Para além disso, Zumthor (1991: 33) identifica cinco fases na existência do poema: produção, transmissão, recepção, conservação e – em geral – repetição. Segundo ele, a

performance abarca as fases 2 e 3, fases muito bem descritas por D’Alva (2011: 122-123) e aplicadas ao caso concreto do slam¹²:

Num primeiro momento, os *slammers* utilizam toda sua habilidade poética e de composição para trazer a um espaço de tempo reduzido, o máximo de profundidade sobre o tema o qual querem desenvolver ou da frequência cênica que querem invocar. Posteriormente se dá o momento da expansão, quando o conteúdo concentrado se vivifica por meio da emissão sonora e se dilata na *performance*, abrindo universos de tempo, espaço e memória, ultrapassando o limite temporal, presentificando a “força-forma” (Zumthor, 2007) do texto (em seu sentido amplo) e levando o público a percorrer tempos-espacos memoriais, históricos, espirituais, míticos e afetivos. É nesse momento que se dá o encontro das memórias; e “reconstruindo o tipo de memória que partilham o texto e seu consumidor, descobre-se a imagem da leitura escondida nele” (Ferreira, 2003: 83).

Falar de expansão e de abrir universos de tempo, espaço e memória leva-nos a que – mesmo sem conseguir delimitar uma definição concisa sobre o que é e o que não é *performance* – o *slam poetry* se enquadre necessariamente nesta forma de arte, pois comparte a sua mesma filosofia: “escapar do analítico, de sermos normativos com uma arte que na sua essencialidade procura escapar de definições e rotulações extintoras” fundamentando-se em uma “ideologia que está por trás da expressão artística” e que se manifesta de “forma livre e anárquica” e com a “idéia da interdisciplina como caminho para uma arte total” (Cohen, 2004: 49-50).

4.2. Conceito de oralidade

Que o *slam* seja transmitido de forma oral é uma das características que contribui a que se cumpra essa filosofia recém-mencionada de escapar do analítico e do sermos normativos e a que seja enquadrado dentro dos estudos das literaturas *performáticas* e marginais, pois a literatura oral é também uma resposta contra a patologia da modernização que menciona Bosi (1992: 383).

Falar da existência de literatura oral já é de por si um ato *subversivo*, pois a palavra *literatura* deriva do grego e significava “arte de escrever bem”, o que faz entrever que só será digno de considerar-se literatura o que esteja escrito e que seja considerado um bom texto. Essa ideia tão restrita de literatura desenvolve-se em Europa ao longo dos séculos XVII e XVIII, situação sobre a qual Zumthor (1991: 296) opina que:

¹² Observa-se que na verdade D’Alva também faz referência a um primeiro momento de produção, mas é a partir do segundo momento quando fala de *performance*, pois a produção dessa composição não faz sentido até ela ser inserida em um contexto tempo-espacial determinado.

Desde el siglo XVII Europa se ha extendido por el mundo como un cáncer; primero subrepticamente, pero hace ya tiempo que ese cáncer galopa, y hoy en día destruye y deniega formas de vida, animales, plantas, paisajes, lenguas. [...] Uno de los síntomas del mal fue sin duda, desde el origen, lo que nosotros llamamos literatura, y la literatura ha tomado consistencia, ha prosperado y se ha convertido en lo que es, una de las más vastas dimensiones del hombre, rechazando a la voz.

Também Mouralis (1982: 34) critica o sentido geral do que chamamos de literatura, pois segundo ele “enquanto signo, a cultura literária permite distinguir aqueles que pertencem às classes dominantes e aqueles que delas estão excluídos”. Ele não se refere apenas ao facto de uma obra estar escrita ou não, pois inclui uma série de pontos que contribuem – de forma totalmente consciente – a que a literatura divida a sociedade em classes dominantes e classes excluídas (Mouralis, 1982: 34)¹³:

1. O signo **não** deve apenas ser claro – até grosseiro – e imediatamente perceptível.
2. A aquisição dos signos e a sua prática são uma técnica e, enquanto tal, resultam de uma **aprendizagem**.
3. É, pois, necessário, em primeiro lugar, **esconder os meios** que possibilitaram esta aprendizagem.
4. A isto junta-se um **uso sistematicamente ligeiro da língua**, empregada não como meio de comunicar informações ou conceitos mas como discurso sobre um objecto que nunca é completamente descoberto.
5. O domínio das referências deve ser **estável e limitado** [...]. Mas, se este domínio permanece muito tempo idêntico, as suas características [...] tornam-se, a longo prazo, perceptíveis.
6. Há, pois, que o renovar periodicamente, único meio **de manter as distâncias entre o grupo e os excluídos**.

Bosi (1992: 413) aplica essa mesma diferenciação entre classes dominantes e excluídas referindo-se ao caso concreto do Brasil, sendo as primeiras as que conformaram uma cultura de massas abrangente e as segundas as que resistiram baixo o limiar da escrita conservando o carácter oral das literaturas primitivas:

Nos três séculos de colonização portuguesa e ao longo da história nacional que se seguiu à Independência, a cultura do povo se caracterizou por produzir-se e reproduzir-se abaixo do limiar da escrita. O carácter da oralidade combinado com a sua condição gregária e seu materialismo animista ainda persiste e resiste a despeito da cultura de massas abrangente, embora com esta entre, às vezes, em estreita intimidade.

A essa conservação da oralidade e da cultura do povo uniram-se a partir da década de 1970 movimentos literários a prol da recuperação da voz e com o objetivo claro de

¹³ A numeração e o carregado são nossos.

democratizar a literatura e de acabar com a ditadura da página à que se refere Souza (2011: 16), movimentos entre os quais se situa o *slam poetry*.

Neste sentido, o *slam poetry* insere-se numa categoria que Zumthor (1991: 37) chama de *oralidade segunda* e “que se (re)-compone a partir de la escritura y en el seno de un medio donde ésta predomina sobre los valores de la voz en el uso y en la imaginación”¹⁴. Quer dizer, com *oralidade segunda* refere-se a culturas ou grupos de população em que “toda expresión está marcada por la presencia de lo escrito” (Zumthor, 1991: 37).

É o caso do *slam*, movimento que procura fugir da escrita mas que à sua vez precisa dela no momento prévio à *performance*: o da produção. Isso acontece, especialmente, por não ser um movimento de improvisação. De acordo com Souza (2011: 81):

O outro elemento que verificamos no diálogo é [...] o exercício de memorização, que inclui um elemento merecedor de discussão: a prática da escrita. [...] Nesse ponto, a escrita se torna a ferramenta de grande importância na produção não improvisada do *slam*, por exemplo. Sem ela, torna-se impossível o registro – e talvez a própria criação – da obra pelo próprio autor.

Quer dizer, “o poema pode ser produzido anteriormente, e é feito, na maioria das vezes, por escrito” (Souza, 2011: 82), correspondendo-se pois com o que Zumthor denomina *oralidade segunda*.

Outras das características que encontramos relacionadas com a oralidade no *slam poetry* tem a ver com a linguagem que é utilizada: “uso de uma linguagem familiar, típica da informalidade, mas também de códigos próprios a determinados grupos” (Souza, 2011: 76). “Destituídos de formalismos estéticos e normas consideradas certas e puristas, o jogo de linguagem dessas composições é calcado na chamada “gramática do cotidiano”, escolha muito consciente na que “ há também uma reflexão sobre a língua dominante, bem como sobre as imposições e prescrições impostas por ela” (Silva, 2019: 226).

Neste sentido, o exposto por Saraiva (1975: 124) na sua obra sobre as duas literaturas – a pobre e a rica – quase até poderia funcionar como uma espécie de micro manifesto que descreve a filosofia do *slam* em relação ao uso que faz da oralidade e da linguagem: “abaixo a diarreia da verborreia. Abaixo as frases feitas, as ladainhas, sobretudo as dos santos, as homílias em itálico. A sintaxe é burguesa. Abaixo a sintaxe burguesa”.

¹⁴ Os outros tipos de oralidade que menciona são: “oralidad *primaria* e inmediata, o *pura*, sin contacto con la <<escritura>>”; “oralidad *mixta*, cuando la influencia de lo escrito permanece externa a ella, parcial y retardada” e “oralidad mecánicamente *mediatizada*, por tanto, diferida en el tiempo y/o espacio”. (Zumthor, 1991: 37).

6.3. Estética da recepção

Zumthor (1991: 157) assegura ainda sobre a *performance* que “como acción (y doble: emisión-recepción), la *performance* pone en presencia unos *actores* (emisor, receptor, singular o plurales) y en juego unos *medios* (voz, gesto, medio)” assim como as “*circunstancias* que forman el contexto [...] en los parámetros de tiempo y de lugar”.

Já se falou sobre a emissão da mensagem, sobre os meios através dos quais é transmitida e sobre as suas circunstâncias, mas fica por falar de algo essencial na *performance* em geral e no *slam poetry* em particular: a recepção do público.

No caso do *slam* não é apenas recepção, mas também reação e intercâmbio. Neste sentido, o público não assiste ao *slam* apenas como forma de entretenimento e evasão, mas sim com o objetivo de “encontrar uma problemática, uma tomada de posição que se aceita ou se recusa, mas com a qual se entra em relação de troca intelectual” (Goldmann, 1976: 116), sendo esta uma resposta cultural que se tem apagado quase por completo com a instauração do capitalismo vigorante próprio das sociedades modernas.

Casas (2011: 60), na sua análise sobre *poemas de resistencia*, denomina este fenómeno *fenomenología de la concienciación*, conceito que pode ser perfeitamente aplicado para o *slam* pois nele “versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público ouvinte” (Neves, 2017: 92) e procurando “levar o leitor, sobretudo os irmãos de mesma situação social, ao mesmo processo de conscientização” (Araújo, 2018: 16).

O público acaba por ser deste modo essencial, “o motor de todo o processo” (Souza, 2011: 107) e estreitamente relacionado com o conceito de oralidade do que já falamos, pois “o contato direto dos seus poetas com o público revoluciona a ideia tradicional de um sistema literário pautado na escrita: estar diante do receptor de sua obra poética representa uma relação de trocas que reorienta toda a construção da obra” (Souza, 2011: 107).

Essas trocas dão-se de múltiplas maneiras: quer no momento intrínseco ao ato performático, em que o público reage com aplausos, ovações, apupos, onomatopeias de conformidade ou rejeitamento e, não esqueçamos, sendo ele mesmo quem conforma o júri; quer no momento externo ao próprio ato, organizando-se e tecendo redes para criar

uma comunidade consciente e ativa com vontade de acabar com as injustiças do seu redor.

Consequentemente, o *slam poetry* enquadra-se nos estudos da corrente crítica alemã conhecida como *estética da recepção* na qual encontramos “um novo modelo de circulação de literatura em que, importa para esse processo, não só a figura do autor, mas a do leitor, responsável por atualizar os textos intensificando os sistemas literários” (Araújo, 2018: 34). Quer dizer, preocupa-se “sobretudo, com as operações receptivas, ou seja, com os procedimentos realizados pelo leitor no contato com a obra e suas consequências na conformação do público (a receptividade da obra em sentido amplo)” (Carvalho, 2010: 44)¹⁵.

Podemos concluir, deste modo, que com a combinação da democratização da literatura e da recuperação do corpo, da gestualidade e da voz, tenta-se recuperar à vez essa aproximação com os ouvintes, tão própria das sociedades primitivas nas quais “é menos nítida a separação entre o artista e os receptores, não se podendo falar muitas vezes num público propriamente dito, em sentido corrente” (Candido, 1975: 34). E é tudo isso o que acaba finalmente por definir o caráter do movimento do *slam poetry*. De acordo com Nascimento (2019: 201): “a combinação de um bom texto com a capacidade de animá-lo integrando o corpo, em forma de voz e gesto, aos sentimentos e à capacidade de engajar a audiência, relacionando-se com os imprevisíveis acontecimentos em tempo real, é o que geralmente faz um/uma poeta ser campeão no jogo do *slam*”.

5. O *slam poetry* como instrumento de denúncia social

Analisadas as características principais do *slam* como movimento literário, marginal, oral e performático, passamos agora à análise principal deste trabalho: o *slam poetry* como instrumento de denúncia social. Portanto, nesta epígrafe o *slam* será analisado em função do seu conteúdo, o qual pode ser dividido em duas grandes classificações de acordo com Souza (2011: 47-48):

Há poemas que tratam de problemas sociopolíticos relacionados à qualidade de vida do povo, à questão étnica, religiosa, à paz mundial, entre outros temas ligados às inquietações modernas de origem primordialmente cidadinas. Mas também se encontra no *slam* uma temática mais introspectiva, como quando se observa a saudade, o amor, os relacionamentos, a solidão, a

¹⁵ Decidimos conservar o original das citações de Araújo (2018) e Carvalho (2010), mas o correto para o caso concreto do *slam poetry* seria falar de recetor ou ouvinte e não de leitor.

frustração, a dor, o sentimento de impotência, entre muitos outros voltados para uma subjetividade claramente distanciada dos outros temas mais engajados que se encontram.

Por ser o nosso foco de interesse, neste trabalho serão analisadas apenas criações com características próprias do primeiro grupo: temas mais engajados que tratam problemas sociopolíticos. De facto, o número de criações encontradas de temáticas mais introspectivas foi muito inferior em comparação com as criações de tipo mais engajado.

Para além disso, as temáticas relacionadas com a denúncia social são muito diretas e chocantes e em muitos dos casos é obvio que o *slammer* está na procura duma reacção de incomodo. De acordo com Nascimento (2019: 214-215):

Essa reivindicação faz com que nos slams sejam apresentadas performances que podem ser consideradas violentas e extremistas pelos desavisados, no que diz respeito aos textos e a postura de poetas. Em seus versos há revide: mandam a branquitude calar a boca, degolam sinhôs, ateam o fogo na Casa Grande, fazem de um olho azul um amuleto pendurado num chaveiro. Aos que se chocam com a “violência”, agradeçam. Poderia não ser só poesia. São reacções em legítima defesa, que estão diretamente ligadas ao processo de descolonização em curso. E como diria Fanon, esse processo “é sempre um fenómeno violento” e “não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável”.

Quanto ao *corpus* utilizado para a análise das temáticas, está composto por 20 criações de 15 *slammers* diferentes. Em muitos dos casos, são *slammers* originários de estados diversos mas todos eles vinculados em certo modo ao movimento *slam poetry* do Rio de Janeiro, pois participaram de *slams* integrados na *Rede de Slams do Rio de Janeiro*¹⁶ do ano 2020¹⁷ ou diretamente no Campeonato Internacional *Rio Poetry Slam*.

No entanto, nem todas as intervenções selecionadas aconteceram no Rio de Janeiro pois, como já foi apontado no início do trabalho, elaborar uma investigação deste tipo sem fazer propriamente trabalho de campo dificulta o acesso às criações do *slam*, quer porque não é possível encontrar as declamações em texto escrito, quer porque não há documentos gráficos dos eventos com a qualidade suficiente como para poder elaborar uma transcrição própria.

Mesmo assim, e em função das atuações selecionadas, foi possível analisar o *corpus* em quatro amplas temáticas de denúncia social: desigualdades raciais e falta de

¹⁶ A partir da celebração dos *slams* inscritos nesta rede é que se escolhe a pessoa vencedora que representará o estado do Rio de Janeiro no *SlamBR* (Campeonato Brasileiro de Poesia Falada).

¹⁷ Os *slams* inscritos na edição de 2020 foram: Slam Caju, Slam Voz na Rua, Slam das Minas RJ, Slam da Terceira Idade, Slam Poético, Slam da Rampa, Slam Negritude, Slam Mapoa, Slam BXD, Slam das Águas, Slam Maré Cheia, Slam Brooklyn, Slam Veia Aberta, Slam Versátil. Posteriormente, com a chegada da pandemia *covid-19*, foi também criado e inscrito nesta mesma edição o Slam da Quarentena.

oportunidades, contexto de violência, herança africana, feminismo e crítica ao governo e aos média. Para cada uma das temáticas serão selecionados aqueles trechos que as identificam e que oferecem uma perspectiva analítica sobre o tema em questão. Inclua-se o nome do *slammer* e o número do anexo em que se encontra o texto completo da intervenção, pois decidimos que não faz sentido classificar as declamações por datas devido a que é um comportamento habitual dentro do *slam poetry* repetir em diferentes eventos as intervenções que parecem ter uma melhor recepção por parte do público.

5.1.Desigualdades raciais e falta de oportunidades

Um dos temas mais desenvolvidos nas criações de *slam* tem a ver com as desigualdades e a pobreza do Brasil, as quais atingem maioritariamente pessoas negras e faveladas como consequência duma herança histórica de tipo colonial, da qual se conserva ainda muitos vestígios. De acordo com Fanon (1968: 29):

Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias a infraestrutura econômica é igualmente uma superestrutura. A causa é consequência: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico.

Neste sentido, é necessário lembrar que o Brasil foi um dos últimos países em abolir – oficialmente – a escravatura, facto que aconteceu em 1888 com a aprovação da *Lei Áurea*. É pois uma data recente, situação sobre a qual Dudu Neves (anexo 18) faz referência aos castigos que sofreram os seus antepassados como se fosse ele mesmo:

Ainda posso ouvir
as correntes se arrastar,
o chicote marcar.
Marcas que ainda posso sentir.

Marcas que se transmitiram de geração em geração, e que faz com que o sofrimento das mães e das avós seja uma temática constante, como em Carol Dall Farra (anexo 2):

Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego
dos atrasos da história que traçaram teu destino.
Mãe preta
que pariu no reboliço
e trouxe com muito ofício
outra preta que não sorriu.
[...]
Teu corpo cumpriu caprichos.

Tua mãe também passou por isso.
E todas da tua família.
Tua avó bem que dizia:
- é uma praga feito sentença.

Não é de estranhar essa insistência da figura das mães, das tias ou das avós, pois o próprio ambiente de desigualdade é mais duro para elas por ter que, geralmente, criar sozinhas das crianças:

Kauê (anexo 8):

Mãe solteira de mais um preto que nem eu,
sem perspectiva, sem acesso, sem saída.
Tudo que encontra é desprezo, carência.

Dudu Neves (anexo 17):

Mamãe engravidou, papai ralo.
E assim sete filhos foram criados.
É que Deus é a mãe,
se fosse pai já teria me abandonado.

São mães que até parecem ter medo de ter filho preto como observamos em Kauê (anexo 8):

O medo da mãe preta é o filho preto,
quanto mais preto maior o medo...

Não é de estranhar esses versos, pois dialogam com os versos a seguir nos quais se denuncia de forma direta a herança da desigualdade e da falta de oportunidades:

Kauê (anexo 8):

Vagabundo, vagabundo, vagabundo...
é só que a gente escuta quando sai da escola,
sem estágio de herdeiro, o que vamos fazer agora?

Chal Enigma (anexo 21):

No morro tem muito campeão
mas não deixam eles ser Niemeyer¹⁸,
só Beira-mar¹⁹ ou Lampião²⁰.

¹⁸ Arquiteto brasileiro, destacável sobretudo pelas suas obras de arquitetura moderna. Desenhou múltiplos edifícios de destaque – quer no Brasil, quer no estrangeiro – e foi um dos principais arquitetos que participaram da criação da cidade de Brasília.

¹⁹ Luiz Fernando da Costa, popularmente conhecido como Beira-Mar como referência à favela situada no Rio de Janeiro em que se criou. Atualmente em prisão, foi líder da organização criminosa Comando Vermelho e destaca sobretudo por ter traçado uma rota de comércio de drogas e armas com a América Latina que fez com que chegassem aos morros cariocas de forma muito rápida e barata (Paviotti, 2021).

[...]

Se é famoso tem choro e protesto
mas favelado é menos um.

Onde a falta de educação reina
e o proibidão impera.

Monra (anexo 11):

Eu resolvi mudar,
resolvi que a faculdade de psicologia eu iria cursar,
Só que a família não tinha grana pra pagar.

Ps Raio Negro (anexo 9):

Por que eu sou fruto de gerações e mais gerações de pedreiros,
motoristas de ônibus, empregadas, cuidadoras.
Eles nos pagam pra mantermos o café quente pra eles.

[...]

Até porque, branco de gravata é empresário
e preto é só mais um cara de gravata.

King (anexo 22):

Minha fada não tem asas.

Minha fada usava turbante.

Lutou na guerra mas foi esquecida pela história
porque foi considerada irrelevante.

[...]

Meu super-herói, King, tinha o mesmo sonho que eu,
quem diria.

Trazer pra periferia muito mais que os sonhos de padaria.

Criticam também atitudes habituais, tais como dizer que não há racismo e que é apenas coisa do passado:

PS Raio Negro (anexo 9):

Dizer que racismo não existe é sim seu defeito,
por que dizer isso é o mesmo
que dizer que no Brasil não tem preto

[...]

Que a sua cor não te permite ir muito longe

²⁰ Referência a Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro de mais renome que atuou nos sertões nordestinos. Aderiu ao cangaço em 1920 para vingar a morte de seu pai e “absolvido pelo ideal de vingança, purificado pela cultura da honra, cada crime cometido vai servir como trampolim para um salto maior, para um mergulhar num universo organizado sob o signo do egoísmo e da violência, não isento, todavia, do amor, da paixão e da relação com o sagrado” (Lins, 1997: 13).

e ainda assim, insistem que temos que agradecer
por estarmos vivos e podermos ir mais longe que ontem.

À sua vez, fazem refletir o público sobre o tema em questão, habitualmente dirigindo-se a ele de forma direta:

PS Raio Negro (anexo 9):

Vocês se imaginavam vivos com 70 anos?
Já perceberam que a maior parte dos idosos são brancos?
No mesmo país onde nos fazem acreditar em meritocracia
mas se é por merecimento,
por que demoraram 130 anos pra alguém estudar numa federal,
na minha família?

King (anexo 22):

Fechem os olhos por favor.
Agora imaginem uma fada.
Imaginem um doutor.
Imaginou?
Imagine uma princesa.
Imagine um super herói.
Abram os olhos e me digam:
quantos deles são negros?
Agora que a reflexão dói
quando dizem que somos representados.
[...]
E quantas vezes você viu essa cena?
Uma criança branca rica se jogando no chão da Ri Happy pedindo uma boneca preta?
Chega!

Também são habituais referências à miscigenação e à negação da cor. Neste sentido, Ortiz (1985: 19-20) aponta que após o período de abolição surge no Brasil a necessidade de criar uma nação e uma identidade, a partir da qual se fala de *mistura*:

Neste momento torna-se corrente a afirmação de que o Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio. O quadro de interpretação social atribuía porém à raça branca uma posição de superioridade na construção da civilização brasileira. [...] Dentro desta perspectiva, o negro e o índio se apresentam como entraves ao processo civilizatório [...] Surge assim um problema teórico fundamental para os “cientistas” do período: como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial. Do equacionamento deste problema decorre a necessidade de se sublinhar o elemento mestiço.

Sobre essa situação refletem os versos de Anna Moura (anexo 3):

O plano perfeito, separar índio de preto
enquanto fazem uma chacina nas aldeias sem suspeito.

[...]

Cês chamam de mistura:
nem tão preta, mas pra parda.
Tão medindo a melanina
enquanto a polícia me mata.

Fazem referências também à cor de pele de Cristo para continuar a refletir sobre a ideologia do branqueamento:

PS Raio Negro (anexo 9):

A mesma sensação que Jesus teve
quando descobriu que pra ser aceito
teve de ser embranquecido.

King (anexo 22)

Já que eu não sei de nada então me fala:
qual era a cor de Cristo?

Assim como também são habituais as referências ao cabelo, um dos símbolos de negritude mais reconhecidos e que ainda hoje continua a ser alvo de críticas e complexos:

Anna Moura (anexo 3):

E pra tentar-me calar cês questiona meu cabelo.

PS Raio Negro (anexo 9):

“O que é, agora branco não pode usar trança?

Cala a boca, cabelo duro.

Faz uma progressiva, alisa esse teu cabelo e me erra”

Opa, voltei, desculpa gente,

quando a minha parte Europeia fala mais alto

ela enche o cú de privilégio e fala merda.

Mas ela não é racista, só não tem como posso provar.

É que nem a indústria brasileira,

que não é racista e tem milhares de produtos pra deixar o cabelo liso

e nenhum pra encrespar.

King (anexo 22)

Mãe, você ta por fora,

A Barbie tem cabelo liso.

Outra constante é a denúncia do estereótipo de que as pessoas pretas têm de resistir, como se elas fossem por natureza mais fortes do que o resto e não pudessem mostrar nenhum traço de debilidade:

Carol Dall Farra (anexo 2):

Pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:

- preta é firme!

[...]

Mas preto é forte, sempre ouvi falar...

Mãe preta resiste

desde que não sabia o que era existir.

[...]

E pra cada abuso novo

um branco te orienta:

- negra é forte, negra aguenta.

Anna Moura (anexo 3):

E ó, que eu tranquila.

Muito tranquila.

A vida me obriga a ser positiva.

Uma das reações a esse sentimento da obrigação de mostrar-se sempre forte é, em certo modo, de cansaço, como observamos em Carol Dall Farra (anexo 2):

Filha de Preta!

Que com a vida já traçada

me desfiz de tanta tralha

com grito de cansaço

entalado na garganta.

[...]

Eles dizem que a gente aguenta

mas vejo uma morte lenta.

Mas o tom geralmente utilizado é o da reação, animando o público que sofre de racismo a chatear-se e a não ficar quiete e calado:

Anna Moura (anexo 3):

Eu saí do esgoto hoje

e não tô pra florir.

Cês querem minhas letras tendo um final feliz.

Tem que ser bom pro'ocês e foda-se

se é bom pra mim.

Dudu Neves (anexo 17):

Então reaja, reaja, reaja
oh filho meu!

Matheus Araújo (anexo 6):

Ouçã a voz da preta que me alimentou mas não comeu.

Interpretação

Interpretação

Interpretação

Interpretação

Interpretação

Terpretação

Terpretação

Terpretação

Terpretação

Ter preta ação.

Quem interpreta a sua ação?

Quantos pretos você já viu em ação?

Eu cresci vendo preto limpando o chão,
mas eu não vi ele pisar o mesmo chão.

[...]

Se nós construímos o espelho,
é a través dele que eu quero ser visto.

Em qualquer campo de visão

eu quero interpretação

em ter preta ação.

Então empreta, empreta,

empreta esse espaço

que agora tá sendo negado.

Kaya Matheus (anexo 19):

Falar de extremo direitista não dá graça
porque não dá para fazer piada.

Chega a dar ânsia.

Para nazista, meu dedo.

Para racista, meu dedo.

E para fãzinho de deputado engomadinho,

vai meu dedo também

que eu quero que vocês se explodam.

PS Raio Negro (anexo 9):

Enquanto tiver gente morrendo só por ter essa cor aqui,
eu não paro, na letra, nós falha, mas não erra.

Não aguento calado.

[...]

Acorda, homem preto,
o mundo te usa o quanto ele quer,
depois descarta.

5.2. Contexto de violência

Diretamente relacionado com as desigualdades raciais e a falta de oportunidades, comprova-se que outra das temáticas mais repetidas nas criações dos *slammers* tem a ver com a denúncia da violência que os rodeia. Já Fanon (1968: 28) escrevia que “o mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência [...] O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado”.

Deste modo, assim como o Brasil, após séculos do seu passado colonial continua a ser um país extremadamente racista e desigual, também continua a existir uma violência extrema que afeta às classes não privilegiadas, principalmente pessoas negras e moradores de favelas.

Neste sentido, em muitas das composições fala-se de uma infância feliz mas que muda completamente ao chegar à idade adulta e ter de enfrentar-se à realidade do contexto:

Sabrina Azevedo (anexo 14):

Então eu cresci e embarquei no trem expresso sem direção.

Conflitos entravam em minha mente.

A cada estação, tristeza, ansiedade e depressão.

Pensei em tirar minha vida,

mas a poesia foi a minha salvação.

Mas uns amigos ficaram sozinhos no vagão,

não tiveram outra opção.

Não conheceram a poesia,

do pique-pega eles foram em direção a guilhotina.

[...]

Jefferson da Silva, o meu amigo assassinado.

[...]

Mas minha lembrança é ele jogando

bolinha de gude do meu lado.
Ai quem me dera se a vida fosse uma eterna infância.

Sabrina Azevedo (anexo 15):

“viu mãe, disseram que eu não chegaria aos 18.
Veja só, eu estou aqui e não estou morto”.

Uma semana depois um tiro de fuzil atravessou sua cabeça,
mas pra quem entra pra essa vida
a morte é quase certeza.

Chal Enigma (anexo 21):

E o céu azul escureceu.
A ordem e progresso desapareceu
quando o sonho da criança faleceu.
O menor amadureceu,
ou melhor endureceu,
e o ódio só cresceu.

Mas em outros casos a infância também é já apresentada como uma fase dura da vida, em que a juventude sofre atos violentos – físicos e psicológicos – desde muito cedo e estando rodeados por uma atmosfera de assaltos, drogas e armas:

Kauê Rodrigo (anexo 8):

Nuvens carregadas de balas que o estado descarrega.
Aqui chove mais que no inverno.
Chega de balas, manda educação, saúde que tão precária.
Suas balas tão matando nossas crianças,
não por diabetes, mas por ignorância...

Kaya Matheus (anexo 19):

Mal sabem muitos,
mas menor de sete anos na favela
já faz parte da manutenção dos fatos.
E nunca alteram os fatos.
No meu quintal já tem milhares de corpos enterrados
servindo de adubo para quê.
Eu não sei.
Mas o que crescer
com certeza será imundo.
Fruto da inocência de um povo
que nunca fora liberto.

King (anexo 22):

Eu disse pro moleque: você vai voar, esse é seu destino.

Acho que ele entendeu errado,

ele virou aviãozinho²¹.

Não demorou muito e pow, pow, pow,

é tiro, é tiro, é tiro.

King (anexo 23):

Vejo meninos viciados com uma corda no pescoço.

Eu vejo o meu povo negro escalando no fundo do poço.

Vejo minhas irmãs indo para bailes para distribuir,

ou na maneira mais bonita de falar, “curtir”.

Vejo lança, pó, maconha e cigarro.

Não que eu não dê uns tragos,

mas você percebe o estrago?

[...]

Eu sei que incomoda, e é para incomodar,

quando um moleque de favela escolhe ser Escobar²²

ao invés de estudar.

Novamente, a figura da mãe é essencial nestas composições, sendo ela especialmente a quem se lhe atribui o rol do sofrimento como causa dessa violência:

Sabrina Azevedo (anexo 15):

Sua mãe indo ao local achando

que ele só tinha sido preso, sendo enganada.

Ela mal sabia o que a esperava.

Ela viu os miolos do seu filho espalhados naquele carro.

O seu castelo caiu em pedaços.

[...]

Ninguém respeitava a dor que aquela mulher sentia.

Ali pra ela não estava o seu filho,

o bandido/criminoso,

estava o seu filho morto tão novo.

[...]

Mas nada a consolaria,

porque não importa se é certo ou errado.

Mocinho ou bandido

nenhuma mãe merece sentir a dor

²¹ Vendedor de droga em pequenas doses.

²² Narcotraficante colombiano.

de perder um filho.

Dudu Neves (anexo 17):

Senhoras como Valquíria,
que sente até hoje a dor de perder sua cria.
Vidas negras tiradas pelo estado e sua ira.

Sabrina Azevedo (anexo 14):

E eu me lembro bem do choro daquela tia,
agarrada na perna do assassino
e pedindo por favor não matasse seu filho.

King (anexo 23):

Eu vejo uma mãe ter força para parir um filho sem um real no bolso.
Eu vejo um filho dar para a sua mãe só desgosto.

Outras das constantes é a denúncia da violência exercida pela polícia, sendo esta quem atua como intermediária do Estado e a principal causante de tantos assassinatos nas favelas, quer por balas perdidas que atingiram na pessoa errada, quer pela dureza com que são tratados *criminosos* cujas ações se devem à falta de oportunidades já comentada:

Anna Moura (anexo 3):

Tão medindo a melanina
enquanto a polícia me mata.

Sabrina Azevedo (anexo 15):

Ela viu os miolos do seu filho espalhados naquele carro.
O seu castelo caiu em pedaços.
E o policial que matou ria.

Kaya Matheus (anexo 19):

A polícia, por sua vez,
mantém a arma na mão,
o discurso na ponta da língua de que
“não, porque é ilegal,
se eu te pego de novo, eu te quebro,
neguinho, na moral!”
Moral, mano?
Da hora moral vindo de vocês

que vestem a camisa da seleção²³,
tomar banho numa banheira de vergonha,
ainda brincando com um patinho de borracha.
E a moral nos seus grandes textos no Facebook,
em prol da vida e armamentista?
Eu só vejo concordância na sua conjugação verbal.

PS Raio Negro (anexo 9):

Mas sabe, nada de vale a minha palavra
por que eu já passei tanto tempo aqui,
que mais um preto entrou num saco preto
com uma bala atravessada.

É de destacar também que os *slammers* jogam muito com o campo semântico da violência e do narcotráfico, destacando em concreto a criação de Matheus Araújo (anexo 5):

Esse é o crime perfeito que eu vou fortalecer.
Vou armar todos os crias com caneta pra escrever
dando tiro certo com a tinta no PA! – pel.
[...]
Eu trafico informação
o meu crime é passional.
Chega aí pivete,
que o trabalho é zero bala,
avião do conhecimento e fogueteiro da palavra.
[...]
E pra fazer o sonhador virar o próprio caveirão
assalta vários livros pra blindar o coração.

Por último, também é habitual ouvir nas criações de *slam* referências concretas a pessoas que sofreram dessa violência e que acabaram em prisão ou sendo assassinadas por motivos principalmente raciais ou ideológicos. Em alguns casos, essas referências são de pessoas amigas dos próprios *slammers*, como em Sabrina Azevedo (anexo 14):

Mas pouuu!
Ele foi executado.
Jefferson da Silva, o meu amigo assassinado.

²³ Apesar de não fazer referência direta, achamos necessário lembrar as controvérsias que levantou a celebração da Copa do Mundo de futebol (FIFA) no Brasil no ano 2014, a qual deu lugar a uma série de manifestações e movimentos conhecidos como *Não vai ter copa* ou *Fifa go home* que não estavam de acordo com o alto investimento que essa celebração supunha. Esses protestos foram mais uma consequência das *Jornadas de Junho* do ano 2013 em que se exigia a melhora de um sistema básico de saúde, um maior investimento em educação, o fim da violência policial, etc.

Mas na maior parte dos casos são mencionadas pessoas que se converteram num símbolo de luta e resistência:

Laura Conceição (anexo 12):

Mas veja bem,
preconceito é uma praga.
Liberdade Rafael Braga²⁴,
o povo ninguém apaga.

Dudu Neves (anexo 18):

O gatilho apertar a tirar num menino daqui.
É que arrastaram Cláudia²⁵, Rafael Braga em uma jaula.
Marielle²⁶ morta.

5.3. Herança africana

Nesta epígrafe recuperamos em certo modo a denúncia da negação do *ser negro* e da tentativa de branqueamento do Brasil já comentados na parte dedicada às desigualdades sociais e à falta de oportunidades, pois esse branqueamento está relacionado com uma outra tentativa de apagar também a herança cultural africana que chegou a terras brasileiras com a escravidão.

Em relação a isso, Ramos (1935:5-6), no prefácio da sua obra escreve:

A não ser a obra (que até pouco tempo permanecia entre desconhecida e inédita) de Nina Rodrigues, quais os estudos verdadeiramente exatos, referentes à história do negro brasileiro?

²⁴ “Jovem, negro, pobre, catador de latinhas e morador da Vila Cruzeiro, Rafael Braga foi o único condenado no contexto das manifestações de 2013 - mesmo sem ter participado delas - por portar pinho sol e água sanitária. Seu caso se tornou emblemático em relação a como a justiça (não) funciona para pobres e pretos”. Fonte: *Movimento pela Liberdade de Rafael Braga*, disponível em <<https://www.liberdadepararafael.meurio.org.br/#block-2778>> [Última consulta: 31/05/21].

²⁵ “Na manhã de 16 de março de 2014, Cláudia Silva Ferreira, mulher negra, pobre, trabalhadora, mãe de 4 filhos biológicos e quatro adotivos, morreu, vítima de uma operação da Polícia Militar do Rio de Janeiro no Morro da Congonha, na zona norte do Rio. Os PMs envolvidos no caso respondem pelo crime de fraude processual, por terem modificado a cena do crime, removendo Cláudia, já morta, do Morro. Cláudia havia sido baleada no pescoço e nas costas. Um cinegrafista amador gravou com o celular o momento em que o corpo dela ficou preso ao carro da PM pela roupa e foi arrastado por 350 metros, mesmo enquanto pedestres e motoristas tentavam, em vão, avisar os policiais”. Fonte: *Mídia Ninja*, disponível em <<https://midianinja.org/news/cultura-da-resistencia-vingancas-etereas/>> [Última consulta: 31/05/21].

²⁶ “Por volta das 21h do dia 14 de março de 2018, Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro eleita em 2016 com mais de 40 mil votos, foi executada junto de seu motorista, Anderson Gomes. Marielle levou pelo menos quatro tiros na cabeça, e Anderson ao menos três tiros nas costas. Após 3 anos da fatídica noite que tirou a vida de Marielle Franco e Anderson Gomes, as investigações do caso resultaram em inúmeras operações policiais, envolvendo uma ampla rede de criminosos do Rio de Janeiro, e que levou a mais de 65 prisões até hoje. [...] Mas, a pergunta de quem mandou matar Marielle e por quê, segue sem respostas, e com contornos cada vez mais confusos”. Fonte: *Caso Marielle e Anderson*, disponível em <<https://casomarielleanderson.org/>> [Última consulta: 31/05/21].

O “pateticismo” da campanha abolicionista foi responsável por êsse estado de coisas. Basta relembrar o incrível fato da destruição dos documentos históricos da escravidão, determinada pelo Ministério da Fazenda, em circular n. 29, de 13 de Maio de 1891. O treze de Maio, que foi a data oficial da libertação dos negros escravos, aí marcou a data do seu desconhecimento. Esta inversão de sentido transformou uma escravidão de direito numa escravidão de fato. A cegueira é uma modalidade de escravidão. A cegueira, a ignorância, e a inferioridade daí resultante. Psicologicamente, o 13 de Maio de 1891 exprime o “não-querer” ver o assunto, a cegueira “scotomizante” para uma tarefa incômoda. Mas, “incômoda” para os negros? Não. Incômoda para os brancos, os falsos cientistas que quiseram apagar no papel as “manchas” negras [...].

Eis aí, portanto, como o “pateticismo” abolicionista foi o principal responsável pela ignorância brasileira dos problemas do negro.

Neste sentido, o *slam poetry* é mais um movimento que pretende recuperar o que esse *pateticismo* lhe tirou ao povo, reivindicando assim uma cultura afro-brasileira resultado da mistura das culturas dos escravos africanos que foram mandados para o Brasil com as culturas das pessoas que já lá estavam. Deste modo, as referências à África e aos antepassados índios são constantes:

Matheus Araújo (anexo 7):

A história da terra daqui
também é a história da terra de lá de onde eu vim.

De onde eu vim.

Quilombo, favela, de beco e viela.

Minha história começa aqui,
de onde eu vim, eu vim.

De onde eu vim.

Tem África nela, rainha mais bela,
tem África dentro de mim.

Matheus Araújo (anexo 5):

Essa bênção é da chefe que gerou as nossas vidas.

Obrigado, África,
esse é o bonde dos seus crias.

Sabrina Azevedo (anexo 14):

Mas mesmo conhecendo a rua
minha raiz foi regada,
neta de índia, vivia na mata.

Lá eu também brincava, corria, subia em árvore,
me alimentava, me balançava em cipó
e as vezes lá de cima eu despencava.

Uma das heranças mais destacáveis tem a ver com os ritmos, as danças e as tradições orais afro-brasileiras, das quais encontramos referências no *corpus* que foi selecionado:

Laura Conceição (anexo 12):

Minha vida levo a muque
do batente pro batuque²⁷.

Sabrina Azevedo (anexo 14):

Eu me lembro bem, dormindo na rua era.
Ritmo de samba²⁸ e charme²⁹.

Matheus Araújo (anexo 7):

Meu corpo nagô³⁰, tem cheiro de flor,
mas também pode estourar.

[...]

Eu sou griô³¹, eu sou.

Eu sou griô.

Outra das referências constantes tem a ver com as práticas e crenças mágico-religiosas de matrizes africanas que se acabaram até misturando com crenças e santos da religião católica e que ainda hoje em dia são vistas negativamente e consideradas de bruxaria por uma boa parte da população. Neste sentido, destaca o candomblé:

O termo candomblé pertence à língua banto, mas no Brasil se refere aos cultos religiosos de origem iorubá e daomeana. No candomblé, as principais entidades sobrenaturais são conhecidas por orixás, quando a maior influência é da civilização iorubá³² [...] São entidades ancestrais e heróis elevados à divindade e cultuados como fundadores de linhagens, reinos e cidades-estados (Figueira, 2009).

Encontramos referências aos orixás na declamação de Matheus Araújo (anexo 5):

²⁷ “Foi o *batuque* angola-conguês que maior influência desempenhou na *folk-dance* afro-brasileira. Nas terras de origem, o termo *batuque*, provavelmente de origem portuguesa (derivado de *bater*?) é o nome de uma dança de caráter geral, onde os negros, em círculo, executam passos, “sapateados” em ritmo marcado com palmas e instrumentos de percussão” (Ramos, 1935:124).

²⁸ Termo que deriva de *semba*, “de início tomado como sinônimo de *batuque*. [...] os negros dançavam em círculo, fazendo pantominas e batendo o ritmo no que encontravam: palmas das mãos, dois pequenos pedaços de ferro, fragmentos de louça, etc.; o ritmo [...] era marcado por dois tempos precipitados e um lento” (Ramos, 1935:124-125).

²⁹ Dança popular que propõe uma reivindicação da identidade cultural negra e que surge na década dos anos 80 com a influência do movimento *soul*, *funk* e *hip hop*. Fonte: *São Paulo Companhia de Dança*, disponível em <<http://spcd.com.br/verbete/danca-charme/>>. [Última consulta: 1/06/21].

³⁰ Cânticos litúrgicos dos candomblés que se apresentam “como documentos da memória cultural afrobaiana e, por extensão, afrobrasileira, que introduzem na Poesia Oral um gênero textual particular: a música religiosa” (Portugal, 2019:12).

³¹ Pessoa responsável de contar as *estórias*.

³² Civilização presente no sudeste de Nigéria, sudeste de Benim e em menor número nas regiões do centro-sul do Togo.

E se tu acha que matando vai parar o movimento,
vem mais de mil cabeças pra ficar no fundamento.

Pra fundamentar os irmãos desse lugar
e abençoar todos como cada Orixá,
saindo pra ensinar nas vielas do planeta
seja nas escolas ou com um copo de cerveja.

De acordo com Figueira (2009), “na América, são conhecidos e reconhecidos cerca de 20 orixás e tanto no Brasil como em Cuba, são poucos os orixás cultuados em todo o território desses países”. Ramos (1935: 14-15) acrescenta que “apenas convém observar que os fragmentos míticos que sobreviveram no Brasil foram aqueles de forte simbolismo ligado aos complexos centrais, principalmente o motivo de sacrifício e da auto-punição, o motivo da mãe e o motivo do herói”. Dudu Neves (anexo 17) menciona alguns desses orixás que chegaram a sobreviver:

Senhoras guerreiras, mães solteiras,
que não seguiram a receita popular.
Essência de Nanã³³ e Oxalá³⁴.
Mãe, mamãe, mainha,
deusa que me acaricia,
deusa que benze meu caminhar.

À sua vez, os orixás têm também a função de orientar as ações humanas ao longo da vida terrena e é por isso que “se comunicam por meio de babalorixás mediante o culto de possessão, abrindo, através deste, o contato direto com o sobrenatural em busca de orientações e soluções para os mais diversos problemas da vida cotidiana” (Figueira, 2009). Neste sentido, Beatriz Virgínia (anexo 4) dedica a sua declamação ao babalorixá Erê³⁵:

Na rua eu conheci Erê

³³ “Naná, a deusa dos mistérios, é uma divindade de origem simultânea à criação do mundo, pois quando Odudua separou a água parada, que já existia, e liberou do “saco da criação” a terra, no ponto de contacto desses dois elementos formou-se a lama dos pântanos, local onde se encontram os maiores fundamentos de Nanã. [...] Sendo a mais antiga das divindades das águas, ela representa a memória ancestral do nosso povo: é a mãe antiga (Iyá Agbà) por excelência. É mãe dos orixás Iroko, Obaluaiê e Oxumaré, mas por ser a deusa mais velha do candomblé é respeitada como mãe por todos os outros orixás”. Fonte: *O Candomblé*, disponível em <<https://ocandomble.com/os-orixas/nana/>>. [Última consulta: 1/06/21].

³⁴ *Obatalá-Oxalá* [...] ou *Orixa-lá* é o “maior de todos os santos”. Os negros, no Brasil, o assimilaram a Cristo, mas a um Cristo materializado, concreto, adorado popularmente, como, por exemplo, o Senhor do Bonfim, na Bahia” (Ramos, 1935:15).

³⁵ “No Candomblé o Erê é uma energia oriunda do Orixá ligada ao inconsciente infantil do noviço, o Erê participa como sendo um elo de incorporação. É também por meio do Erê que o Orixá se interioriza ao noviço aprendendo as coisas fundamentais do candomblé, como as danças e os ritos e toda a liturgia”. Fonte: *O Candomblé*, disponível em <<https://ocandomble.com/2014/10/24/ere-do-candomble-ketunago/>>. [Última consulta: 1/06/21].

que me mostrou que a rua é nós no singular.

[...]

Eu sou energia que nutre cada casa
e os que têm teto de estrelas são nutridos pelo poder do Êre.

A casa do meu pai tem muitas moradas.
Erê é sua própria morada, é seu próprio lar.

[...]

Erê é o dono da bola,

Erê é o ténis no fio.

Erê é a rua,

Erê é o rio,

Erê é ir lá.

Por último, é também habitual ouvir referências de pessoas que participaram ativamente na luta e na resistência indígena, como acontece em Anna Moura (anexo 3):

Mas no meu corpo corre
toda a força da Jurema³⁶, de Jupira³⁷, de Jandira³⁸
e de seu Tupinambá³⁹.

E que você desconhece toda a minha cultura
e a mata que cura, você usa como chá.

5.4.Feminismo

De acordo com Dalcastagnè (2015: 7), foram “siglos de literatura en que las mujeres permanecían en los márgenes” que nos condicionaram “a pensar que la voz de los hombres no tiene género y por eso existían dos categorías, la literatura, sin adjetivos, y la literatura femenina, atrapada en su gueto”. Hoje em dia essa situação mudou por completo. O termo *literatura feminina* deixou de ser válido, assim como os estereótipos que ele arrasta. Os conceitos mais utilizados na atualidade são *literatura escrita por*

³⁶ Pranta do gênero da acácia que é considerada sagrada e que deu origem a uma tradição religiosa nordestina de matriz africana.

³⁷ Jupira Manoel Sobrinho (1959-2020), “da etnia indígena Terena, era auxiliar administrativa e estava lotada na Coordenação Regional (CR) Norte do Mato Grosso. Membro da FUNAI, já trabalhou também em Brasília, Campo Grande, Bauru, Colíder e foi chefe de coordenação Técnica Local (CTL) de Matupá-MT”. Fonte: FUNAI, disponível em < <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/6316-nota-de-pesar-jupira-manoel-sobrinho>>. [Última consulta: 1/06/21].

³⁸ Jandira Augusta Venício (1934-2012), conhecida como Kerexu, foi uma cacique da aldeia guarani do Jaraguá Itu (Pico do Jaraguá, São Paulo), integrando assim “a geração de caciques e lideranças que na década de 1980 iniciaram e orientaram o movimento guarani pelo reconhecimento de direitos territoriais e pela regularização de suas terras”. Fonte: *Pib Socioambiental*, disponível em < https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%ADcias?id=110942&id_pov=80>. [Última consulta: 1/06/21].

³⁹ Tupinambá de Olivença, grupo indígena que vive na região de Mata Atlântica (sul da Bahia). A vila hoje conhecida como Olivença é o local onde, em 1680, fora fundado por missionários um aldeamento indígena. Fonte: *Retomada Tupinambá*, disponível em < <https://retomadatupinamba.blogspot.com/>>. [Última consulta: 1/06/21].

mulheres ou até *literatura feminista*, pois em muitos dos casos é também uma literatura em que as escritoras tornam visíveis as assimetrias sociais fundamentadas no gênero. No Brasil, e de acordo com Xavier (1996: 88-89), fala-se de *literatura feminista* a partir da escrita de Clarice Lispector, momento em que “o feminismo já havia desencadeado um processo de conscientização e a narrativa de autoria feminina vai incorporar as questões polêmicas contidas em *O segundo sexo* (1949) de Simone de Beauvoir”.

O *slam poetry* enquadra-se dentro do conceito de *literatura feminista* indubitavelmente, pois as desigualdades, problemáticas e abusos que sofrem as mulheres por causa do gênero são denunciados de uma forma muito clara e direta:

Laura Conceição (anexo 13):

Mulher é barriga no tanque
preparando o lanche,
de olha na panela de pressão,
panela de opressão.
Vivendo sem condição,
marido passando a mão e
não adiante dizer não.

E o medo de andar nas ruas sozinhas ao sair?

O risco do aborto ilegal
porque não há legal se eu não posso parir.

É história de chacina,
tão matando as mulher.
Aqui o ventre não é livre,
buscam proteção na fé.
Te forçam e empurram
em berço de alienação.

[...]

Mas se eu transo antes do casamento
eu vou pro inferno dos católico.

Inferno?

Inferno pra mim é na terra,
onde os boy leva as mina pro mato,
estupra e depois enterra.

Respeito não tem,
vou fazer a denúncia com quem
se a polícia estupra também?
Quando eu falo de estupro,
não é só violência física.

O sistema estupra nossas ideias
todos os dias.

Não escutam nossa reclamação,
descaso a alma e coração.
É estupro sem penetração,
congresso composto
majoritariamente por homens.

[...]

Ai pobre moça,
é do tanque pra louça,
da louça pra força.

Vai perdendo a força
até tombar no chão.

Todo dia, todo ano.

Aproveita que tá no chão e
passo o pano.

Mas levanta do chão,
já é noite e noite é reprodução.

Aquele sexo que não é bom,
onde o homem goza, a mulher não.

[...]

50 tons de cinza?⁴⁰

Aqui é 50 tons de sofrimento.

Mas calma,
tô falando do roxo que fica na pele.
E o roxo que fica na alma?

Laura Conceição (anexo 12):

Eu moro no sudeste,
vivo longe do agreste
mas respeito o nordeste
e as mulheres que lá tem,
que são abusadas,
exploradas, mal tratadas,
iludidas, escravizadas.

Mel Duarte (anexo 16):

Violada, violentada,
seja pelo abuso da farda

⁴⁰ Tradução brasileira do filme erótico *Fifty Shades of Grey* (2015) de Sam Taylor-Johnson, baseado no livro homônimo da autora E. L. James.

ou por trás de uma muralha.

Essas composições em tom de denúncia dialogam à sua vez com uma perspectiva de empoderamento e resposta:

Laura Conceição (anexo 12):

Machista não passarão,
não sou da sua laia.

[...]

Hoje ninguém me cala mais.

[...]

Eu não vim pra passar pano.
Se for pra tombar eu tombo,
ando pra frente e não pra trás.

[...]

Minas não é só pão de queijo.

Então respeite meu lugar.

Laura Conceição (anexo 13):

E eu tô pronta pro combate
pois na minha veia corre sangue delas.

Mel Duarte (anexo 16):

Minha vagina não é lixão
pra dispensar as tuas tralhas.

Canalha!

[...]

Os teus restos nem pros urubus jogaria
porque animal é bicho sensível,
e é capaz de dar reboliço num estômago já acostumado com tanto lixo.

Até quando teremos que suportar
mãos querendo nos apalpar?

Olha bem pra mim, pareço uma fruta?

Onda na minha cara ta estampado: Me chupa?!

Se seu músculo enrijece quando digo NÃO pra você,
que vá procurar outro lugar onde o possa meter.

King (anexo 23):

Eu sei que incomoda os machista,
incomoda os trouxa,
incomoda os patrão
quando a filha da empregada se torna aeromoça

ou dona do avião.

Te incomoda quando uma mulata dessas
você não encontra na sua playlist do X-Videos.

Enquanto isso, ela cola com os parceiros
e manda um rap de improviso.

São também habituais as referências a mulheres que destacaram na história pelo seu papel na luta pela igualdade. Em alguns casos, mulheres que são conhecidas a nível internacional, pois tal e como declama Mel Duarte (anexo 16):

E não adianta dizer que é só no Brasil,
em todos os lugares do mundo
mulheres sofrem com seres sujos
que utilizam da força quando não só, até em grupos!
Praticando sessões de estupros que ficam sem justiça.
Carniça!

Mas essa *internacionalidade* é acompanhada de referências à história brasileira e até de referências do âmbito familiar, como é o caso das mães e das avós:

Laura Conceição (anexo 12):

Tenho sangue de Frida Calo⁴¹
e por isso não me calo.
Então não pisa no meu calo,
pois eu não vou me calar.
Descendo de guerreira,
minha vó cortava lenha.
Se vier de lenga lenga
uso a Maria da Penha⁴².

⁴¹ Referência a Frida Kahlo (Coyoacán, México 1907-1954), “ativista, comunista, bissexual, pessoa com deficiência e transgressora, quebrou vários tabus em sua época. [...] Símbolo do feminismo e ícone da moda, não ligava para nenhum padrão. Foi filiada ao Partido Comunista Mexicano e participou da luta de trabalhadores mexicanos. Foi a primeira artista latino-americana a vender um quadro por US\$ 1 milhão”. Fonte: *Mídia Ninja*, disponível em <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1918493424975460>>. [Última consulta: 1/06/21].

⁴² Referência a Maria da Penha, “farmacêutica brasileira que, no ano de 1983, sofreu severas agressões do marido, o professor universitário Marco Antônio Heredia Viveros. Em duas ocasiões, Heredia tentou matar Maria. Na primeira, com um tiro de espingarda, que a deixou paraplégica. Em seguida, ainda depois de Maria passar quatro meses no hospital e realizar inúmeras cirurgias, quando voltou para casa Heredia tentou eletrocutá-la durante seu banho.

Assim, Maria pôde sair de casa graças a uma ordem judicial e iniciou uma árdua batalha para que seu agressor fosse condenado. [...] Enquanto isso, Heredia continuou em liberdade.

Em 2001, o Estado brasileiro foi condenado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica contra as mulheres. [...]

Foi assim que o governo brasileiro se viu obrigado a criar um novo dispositivo legal que trouxesse maior eficácia na prevenção e punição da violência doméstica no Brasil. Em 2006, o Congresso aprovou por unanimidade a Lei Maria da Penha, que já foi considerada pela ONU como a terceira melhor lei contra

Eu vou te denunciar.

Chal Enigma (anexo 21):

Políticos batem na pátria.

Eu venho pique Maria da Penha.

Laura Conceição (anexo 13):

O mundo enche a gente de nome,

a gente enche o mundo de luta.

Frida Kaloh, Dorothy Stang⁴³.

Então não me encosta,

se aproxima passa mal.

Simone de Beauvoir⁴⁴, Maria Rita⁴⁵.

Se for pra falar de todas jamais haverá final.

Diretamente relacionado com a defesa dos direitos da mulher, observa-se também a defesa dos direitos LGTBI e a denúncia de atitudes homofóbicas e transfóbicas. No *corpus* compilado, um exemplo disso é a declamação de Laura Conceição (anexo 13):

Me chamam de sapatão

como se isso fosse ofensa.

Eu quero respeito sem faceta.

violência doméstica do mundo”. Fonte: *Politize!*, disponível em <<https://www.politize.com.br/lei-maria-da-penha-tudo-sobre/>>. [Última consulta: 1/06/21].

⁴³ Referência a Irmã Dorothy, como era conhecida Dorothy Stang, “uma missionária que defendia uma reforma agrária justa e consequente, mantendo diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas. Dorothy foi assassinada no dia 12 de fevereiro de 2005 em Anapu, no sul do Pará, a mando de um fazendeiro por sua luta em busca soluções para os conflitos relacionados à posse e à exploração da terra”. Fonte: *Mídia Ninja*, disponível em <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1759102460914558?comment_id=1759189337572537>. [Última consulta: 1/06/21]

⁴⁴ Simone de Beauvoir (França, 1908-1986) “foi um dos maiores ícones do feminismo. Beauvoir estudou Filosofia na Universidade de Sorbonne, em Paris, e aos 23 anos virou professora de Filosofia na Universidade de Marselha, onde produziu uma série de ensaios, livros e romances sobre o papel da mulher na sociedade.

Uma das obras mais conhecidas da autora é *O Segundo Sexo*, onde ela escreve a famosa frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Para ela, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”.

Ou seja, ela defende que o sexo é um fator biológico do ser humano, diferente do gênero, que é construído pela sociedade. Além disso, Beauvoir também criticou a hierarquia entre homens e mulheres e a opressão moral e religiosa imposta a ela durante a sua geração”. Fonte: *Notícias UPF*, disponível em <<https://www.upf.br/biblioteca/noticia/6-pensadoras-feministas-que-voce-precisa-conhecer>>. [Última consulta: 1/06/21]

⁴⁵ Referência a Maria Rita Soares de Andrade (Aracajú, Sergipe 1904 – Rio de Janeiro 1998), “feminista e primeira juíza federal do Brasil. Destacou-se na luta pelos direitos da mulher. Participou do II Congresso Internacional Feminista e foi secretária e consultora jurídica da FBPF. Fundou e dirigiu a revista Renovação, no início dos anos 30. Como advogada ajudou presos políticos nos anos 30 e 50. Foi a primeira mulher a integrar o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil”. Fonte: *Mulher 500*, disponível em <<http://www.mulher500.org.br/maria-rita-soares-de-andrade-1904-1998/>>. [Última consulta: 1/06/21].

Eles tem medo pra caralho
da força de uma buceta.
Eles tem medo de seus filhos
verem casal gay na tv.
Eu tenho medo de meus filhos
verem Temer no poder.

Por último, estas reivindicações dos direitos da mulher e dos direitos LGTBI acabam por influir de forma direta no cuidado da linguagem. Neste sentido, é habitual encontrar *slammers* que falam apenas utilizando as formas linguísticas próprias do sexo feminino ou que optam pelo uso de uma linguagem inclusiva, como acontece em Lua Mística, (anexo 10)⁴⁶:

O jeito é mexer os pauzinhos
para que a próxima pessoa que souber dessa história
olhe para a gente como **u** personagem principal
cujo nome é: **Filhe** da puta.
O ser humano é gente.
Gente que usa toda as suas armas
para fazer a gente se sentir
frustrade, culpade, ansiose, depressive...
Insuficiente.

5.5. Crítica ao governo e aos média

Para finalizar, observa-se também como temática recorrente nos *slams* a denúncia da atuação do governo, sendo em alguns casos uma crítica de tipo genérico e em outros de tipo mais concreto, dirigida por exemplo a políticos que nesse momento se situam no poder:

Laura Conceição (anexo 12):

É que também
hoje em dia presidente é golpista.
Igreja é capitalista.
Governo é fascista.
Querem comprar seu amém.

⁴⁶ O carregado é nosso.

Mel Duarte (anexo 16):

Enquanto ainda existirem Bolsonaros
eu continuo afirmando:
a mesma que aduba esse solo fértil,
a mesma que te pariu!

Chal Enigma (anexo 21):

O verde é esperança da nação
mas por causa de um verde no bolso
eu vi vermelho no chão.
[...]
Filhos não registrados
que o pai...ís não assumiu.
E não passa de um civil.

A crítica ao governo vai acompanhada de uma crítica aos média por serem os responsáveis de ocultar informações, de fazer publicidade ou de criar *fake news* que enganam o povo e que afetam diretamente nas opiniões sobre os representantes do poder e nas escolhas em futuras eleições:

Laura Conceição (anexo 13):

A mídia romantiza
relações abusiva.
[...]
Eu preciso vir aqui falar disso
porque isso não passa no jornal.
[...]
Rede Globo apoiou a ditadura na tv.

Kaya Matheus (anexo 20):

Daí sua militância se torna bêbada,
não equilibrista.
Pendula para o lado,
tropeça em falsas notícias,
e o pior é que acredita.
Mas, que verdade é mais verdadeira?
A minha ou a sua mentira?
Julgamento é ilusão,
enche a cara com o que lhe falam
e não pesquisa em outro tipo de destilado, não.

6. Conclusões

Mesmo sendo este um trabalho sintético e, conseqüentemente, elaborado a partir de um *corpus* reduzido, achamos que consegue demonstrar de forma muito satisfatória a hipótese colocada em expectativa: o *slam poetry* funciona no Brasil como um movimento de denúncia social. Deste modo, assistindo a eventos de *slam* é possível não só mergulhar no espaço informal de um divertimento e convívio entre artes literárias, plásticas, teatrais, musicais, etc, mas também conhecer de forma direta uma série de problemáticas que afetam a boa parte da sociedade brasileira. Para além disso, o espaço e a prática interartística também permitem o intercâmbio de ideias e criação de uma coletividade ativa e consciente. De acordo com D’Alva (2011: 125):

O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.

Nascimento (2019: 230) acrescenta que “falando por si, poetas orais dentro dos *poetrys slams* trazem à tona não só suas histórias pessoais, mas a função social de fazer com que vozes e narrativas ancestrais, historicamente silenciadas, sejam finalmente ouvidas”, sendo este um dos aspetos que se demonstraram neste trabalho.

Neste sentido, interessa especialmente a reflexão de Dalcastagnè (2015: 200-201) em relação à necessidade de dar voz e acessibilidade a grupos e movimentos que foram e continuam a ser apagados e marginalizados:

[...] los escritores estarían representando justamente esa exclusión al dejar fuera [...] a aquellos a quienes se deja al margen de nuestra sociedad. La pregunta que surge, entonces, es si para hacer eso no sería preciso, mucho más que eliminar a esos grupos de sus historias, mostrar alguna tensión existente, provocada por los que no parecen estar allí.

[...] Por eso la necesidad de más y más autores y autoras provenientes de diferentes espacios sociales, con diferentes colores, intereses, profesiones, deseos, conocimientos, razones. Autores y autoras que hagan ruido, generen disonancias, hieran las bellas letras, desarmen las reglas de juego.

Ellos, y ellas, están por ahí, publicando por su cuenta, creando colectivos, apostando a internet y al boca en boca para vender sus libros. [...] Existen aún aquellos que se dan por satisfechos al recitar sus poemas en uno de los varios *saraus* literarios que se desparraman y se fortalecen en

los suburbios de las grandes ciudades brasileñas, sólo “pasándola joya”, para usar una expresión de Ferréz⁴⁷. Existen incluso los que ya comenzaron a producir una reflexión propia sobre la literatura y, ciertamente, tienen mucho que decir. Pero nosotros, en tanto críticos y en tanto lectores, debemos tener cómo alcanzarlos, y eso depende, en gran medida, de su acceso al campo literario.

Tal e como disse Bossi (1992: 367), “não é o Estado, nem a Universidade, nem a Igreja, nem a Imprensa, nem qualquer das instituições conhecidas que deverá *encarregar-se* do destino das letras e das artes”.

Independentemente de o *slam poetry* perdurar no tempo e chegar a consolidar-se como um movimento literário reconhecido e valorado até pelas próprias *instituições*, o que fica claro é que ele já teve um impacto social muito importante em certos setores e em certos espaços da sociedade brasileira. Neste sentido, e já para finalizar, insistimos novamente no caráter sintético desta investigação e em que seria interessante não só estudar este movimento a partir da denúncia social presente nos conteúdos, mas ampliar a análise desse caráter de denúncia e resistência a todas as redes externas que dialogam ou que se criaram a partir do movimento do *slam poetry*.

⁴⁷ Rapper, romancista, poeta, *slammer* e uma das pessoas mais destacáveis quando se fala de literatura marginal brasileira.

7. Bibliografia

- ARAÚJO, Júlia (2018). *Juventude e produção literária: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- BOSI, Alfredo (1992). *Dialética da colonização*. Lisboa: Glaciar.
- CÂNDIDO, António (1975). *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literaria*. São Paulo: Editora Nacional.
- CARVALHAL, Tânia Franco (2010). *Literatura Comparada*. São Paulo: Editora Ática.
- CASAS, Arturo (2011). “Teoría crítica y discurso de resistencia: lo político en la enunciación poética”. Em *Resistance and Emancipation: Cultural and Poetic Practices*. Oxford: Peter Lang. Pp. 53-72.
- COHEN, Renato (2004). *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- DALCASTAGNÈ, Regina (2015). *Representación y resistencia en la literatura brasileña contemporánea*. Buenos Aires: Biblos.
- D’ALVA, Roberta Estela (2011). “Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena”. Em *Revista Synergies Brésil*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nº 9, pp. 119-126.
- DAMON, Maria (1998). “Was That “Different,” Dissident” or “Dissonant”? Poetry (n) the Public Spear: Slams, Open Reading, and Dissident Traditions”. Em *Close Listening: poetry and the performed word*. Nova Iorque: Universidade de Oxford. Pp. 324-342.
- FANON, Frantz (1968). *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FIGUEIRA, Felipe (2009). “Religiosidade africana e afro brasileira: identidade e originalidade”. Em *Artigos Net Saber*. [Em linha] [Última consulta: 1/06/21] <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_19990/artigo_sobre_religiosidade_africana_e_afro-brasileira:identidade_e_originalidade>.
- GOLDMANN, Lucien (1976). *A Criação Cultural na Sociedade Moderna*. Lisboa: Presença.
- LINS, Daniel (1997). *Lampião. O homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume.
- MOURALIS, Bernard (1982). *As contraliteraturas*. Coimbra: Livraria Almedina.

- NASCIMENTO, Érica Peçanha do (2006). *“Literatura marginal”*: os escritores da periferia entram em cena. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- NASCIMENTO, Roberta Marques de (2019). *Vocigrafias*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NEVES, Cynthia (2017). “Slams: letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo”. Em *Linha D’Água*. [Em linha] [Última consulta: 10/05/21]. <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615/147274>>. São Paulo: Universidade de São Paulo. Vol. 3, nº. 2, pp. 92-112.
- ORTIZ, Renato (1985). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- PAVIOTTI, Joel (2021). *O Empreendedor do Crime: A impressionante história de Fernandinho Beira-Mar*. Em *Iconografia da História*. [Em linha] [Última consulta: 30/06/21]. <<https://iconografiadahistoria.com.br/2021/04/09/o-empresendedor-do-crime-a-impressionante-historia-de-fernandinho-beira-mar/>>.
- PORTUGAL, Santiago (2019). *Ritmologia Nagô: delineamentos de memórias culturais nos candomblés*. Bahia: Universidade Federal de Bahia.
- RAMOS, Arthur (1935). *O folclore negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil.
- SARAIVA, António José (1975). *Literatura marginal/izada: vanguarda, tradução crítica, literatura pobre, linguagem e política gralha*. Porto: Arvore.
- SILVA, Douglas Rosa da (2019). “A impetuosidade das vozes na poesia: as poetas e o poetry slam” em *Querem nos calar: poemas para sem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta Brasil. Pp. 224-230.
- SMITH, Kelly (2021). *Marc Kelly Smith*. [Em linha] [Última consulta: 1/05/21]. <<http://www.marckellysmith.net/>>.
- SOUZA, Tiago (2011). *A performance na cantoria nordestina e no slam*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- STELLA, Marcello (2015). “A Batalha da Poesia – O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo”. Em *Ponto Urbe*. [Em linha]

[Última consulta: 1/05/21] <<https://journals.openedition.org/pontourbe/2836>>.

São Paulo: Universidade de São Paulo.

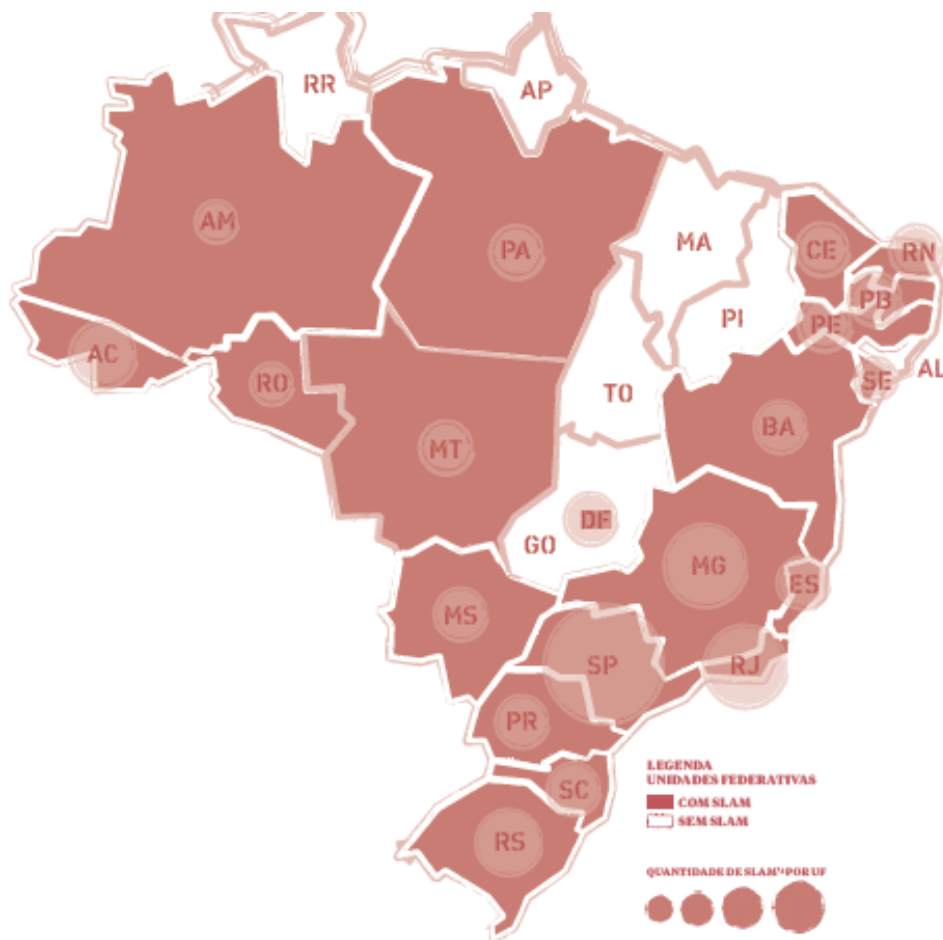
VILLARINO, Carmen (2002). “Da “marginalidade” ao processo de institucionalização: o caso da poesia no sistema literário brasileiro pós-64”. Em *Iberoromania*. Berlín: Niemeyer. Nº 56, vol. 2, pp. 134-147.

XAVIER, Elódia (1996). “Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória”. Em *Leitura*. [Em linha] [Última consulta: 1/06/21]. <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825>>. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas. Nº 18, pp. 87-95.

ZUMTHOR, Paul (1991). *Introducción a la poesía oral*. Madrid: Taurus.

8. Anexos⁴⁸

Anexo 1. Mapeamento dos *slams* existentes no Brasil em dezembro de 2019.⁴⁹



SP	SÃO PAULO	59	ES	ESPÍRITO SANTO	6
MG	MINAS GERAIS	27	MS	MATO GROSSO DO SUL	5
RJ	RIO DE JANEIRO	25	PR	PARANÁ	5
RS	RIO GRANDE DO SUL	14	MT	MATO GROSSO	4
AC	ACRE	13	PE	PERNAMBUCO	4
SC	SANTA CATARINA	9	RN	RIO GRANDE DO NORTE	4
CE	CEARÁ	8	PA	PARÁ	2
DF	DISTRITO FEDERAL	7	RO	RONDÔNIO	2
PB	PARAÍBA	7	AM	AMAZONAS	1
BA	BAHIA	6	SE	SERGIPE	1

⁴⁸ No caso dos anexos correspondentes aos textos expostos em *slams*, a responsabilidade é nossa apenas naqueles casos em que apontamos que a transcrição é da nossa autoria. No geral do *corpus* mantiveram-se as formas originais das fontes de onde tiramos o texto e só mudamos de forma pontual algumas pequenas gralhas de tipo ortográfico. Deste modo, mantivemos traços do registo oral do português brasileiro, tais como acurtamentos verbais (*tô* por *estou*; *tá* por *está*), intensificação de sons (*maisssss*, *morallll*), não correspondência do número (*as mulher*, *relações abusiva*), etc.

⁴⁹ Fonte: Catálogo Slam BR 2019, tirado de Nascimento (2019: 173).

Anexo 2. Carol Dall Farra

Carol Dall Farra é estudante de geografia da UFRJ, poeta e *rapper* de Duque de Caxias, baixada fluminense. Além disso, é integrante dos coletivos Slam das Minas RJ e Poetas Favelados, nos quais pratica ações poéticas em espaços públicos. Desde os 15 anos, MC Dall Farra aborda nas suas músicas e poemas temas como as discriminações de gênero e classe.⁵⁰

Atuação no *Slam das Minas RJ* (Final, 2017)⁵¹

Na ponta do abismo lá vai mãe preta.
Aguenta o infinito num corpo
que o grito socorro acusa suspeito.
Não chora nem fala das mortes diárias.
Pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
- preta é firme!
Teu corpo foi alvo da falta de amor.
Teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza
por causa da dor.
Mas preto e forte, sempre ouvi falar...
Mãe preta resiste
desde que não sabia o que era existir.
Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego
dos atrasos da história que traçaram teu destino.
Mãe preta
que pariu no reboleço
e trouxe com muito ofício
outra preta que não sorriu.
Filha de Preta!
Que com a vida já traçada
me desfiz de tanta tralha
com grito de cansaço
entalado na garganta
e os bicos de diarista
entalado na minha herança.
Vi o mundo cortar com a foice
minha passagem pela infância.
Os homens que me olhavam
revestidos de ganância
e pra eles não importa
se trata-se de uma criança.
De hipersexualizar o hobby da vizinhança.
Dedos te apontaram ontem.

⁵⁰ Fonte: *Slam das Minas RJ*, disponível em <<https://www.facebook.com/slamdasminasrj/photos/carol-dall-farra-%C3%A9-estudante-de-geografia-da-ufrjpoeta-e-rapper-de-duque-de-caxi/1029774400539890/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁵¹ Atuação e transcrição disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=DbOXy_jcCXE>. [Última consulta: 3/06/21]

Hoje o cano te aponta.
Amanhã outro julgamento
julgando que se aguenta.
Tua cabeça um reboiço.
Teu corpo cumpriu caprichos.
Tua mãe também passou por isso.
E todas da tua família.
Tua avó bem que dizia:
- é uma praga feito sentença.
Eles dizem que a gente aguenta
mas vejo uma morte lenta.
E pra cada abuso novo
um branco te orienta:
- negra é forte, negra aguenta.
Tua vida nunca passou disso.
Nunca fugiu da sentença.
Com a força dos ancestrais
internalizou que aguenta.
Imaginou o chicote lento
na vértebra de um branco
e viu que a força é um detalhe
pra quem vive resistência.

Anexo 3. Anna Moura

Cantora, compositora, instrumentista, atriz e poeta, Anna Moura propõe, no seu repertório, ideias de resistência e revolução. A sua ancestralidade afro-indígena e a sua vivência de mulher, lésbica, artista de rua e arte-educadora pautam as suas obras. Anna lançou seis composições no disco *Dois Acordes*, em parceria com *A Banda Delas*.⁵²

Atuação no *Slam das Minas RJ* (vencedora do ano 2020)⁵³

Imagina, só imagina
entender a dor do outro
sem ter que comparar com a minha.
Quem diria, né? Quem diria.
Enquanto eu corria junto,
você competia.
E ó, que eu tô tranquila.
Muito tranquila.
A vida me obriga a ser positiva.
O sistema.
O sis – tema.
Minha vida, minha cor,
fazendo canção de amor eu...
Fazendo canção de amor eu subvertia.
Nunca vi tanto esforço pra me fazer desistir.
Eu saí do esgoto e hoje
eu não tô pra florir.
Cês querem minhas letras tendo um final feliz.
Tem que ser bom pro'ocês e foda-se
se é bom pra mim.
Entendo porque o meu som não é bom pro mercado,
é que eu não sei fazer esse som gourmetizado.
Me dizem que é melhor com violão no dedilhado
e usar uma roupa nova vai me abrir mais espaços
Imagina.
Será que quando eu morrer vão escutar o meu som
ou eu vou ter que vender pra alguém da televisão?
Até quando eu vou renascer pra essa fila de nãos?
Eu tentava até entender, mas já virou perseguição.
Vocês vão matando e eu vou compondo.
Tou-me cansando mas eu vou cantando.
Cês tiram o pão e eu vou compondo.
Sem inspiração eu continuo tentando.
Cês querem padrão e eu vou compondo.
Cospem nos meus sonhos e eu só cantando.
Trabalho sem ganho e eu vou compondo.

⁵² Fonte: *Instituto Moreira Salles*, disponível em <<https://ims.com.br/convida/slam-das-minas-rj/anna-moura/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁵³ Atuação disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eKqO9gmx_nw&t=22s>. Transcrição disponível em <<https://www.lyricfind.com/>>. [Última consulta: 3/06/21].

Sou seu pesadelo, minhas letra ecoando.
O plano perfeito, separar índio de preto
enquanto fazem uma chacina nas aldeias sem suspeito.
O bote certo, cês não aguenta o peso.
E pra tentar-me calar cês questiona meu cabelo.
A sua esperança é que eu voltasse pra mata
pra ser alvo da sua caça
e terminar baleada.
Mas no meu corpo corre
toda a força da Jurema, de Jupira, de Jandira
e de seu Tupinambá.
E que você desconhece toda a minha cultura
e a mata que cura, você usa como chá.
Cês chamam de mistura:
nem tão preta, mas pra parda.
Tão medindo a melanina
enquanto a polícia me mata.

Anexo 4. Beatriz Virgínia

Moradora do Complexo da Maré, Beatriz Virgínia traz nas suas poesias as suas histórias e a necessidade de reconstruir as suas memórias. É estudante de história na UERJ e educadora popular no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Começou a competir no *slam* no ano 2019, no *Slam Maré Cheia*, e ganhou uma vaga na final para competir o regional, assim como também foi a vencedora do *Slam Caju* no ano 2019. Participa com o coletivo *Busina* de artistas periféricos levando poesia para autocarros, comboios e metros.⁵⁴

Atuação no *Slam Maré Cheia* (2019)⁵⁵

Na rua eu conheci Erê.
Na rua eu conheci Erê
que me mostrou que a rua é nós no singular.
Conheci os becos, ecos, como aquele grito de mãe
que percorre todo quarteirão.
Navegava entre o meio frio
como se tivesse o mar na palma da mão.
E no pique pega da memória
ele se confundia com o balanço da praça,
com o balanço do mar
que pegava no tempo e com maestria dizia:
eu sou movimento.
Eu sou energia que nutre cada casa
e os que têm teto de estrelas são nutridos pelo poder do Erê.
A casa do meu pai tem muitas moradas.
Erê é sua própria morada,
é seu próprio lar.
Eu sempre vim aqui pegar doce.
Meu pai morava na rua de trás.
A casa do meu pai tem muitas moradas
Erê é o dono da bola,
Erê é o ténis no fio.
Erê é a rua,
Erê é o rio,
Erê é ir lá.

⁵⁴ Fonte: *Revista Arara*, disponível em <<https://arararevista.com/escarceu-beatriz-virginia/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁵⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7mf_HwFkf3c>. [Última consulta: 3/06/21]. A transcrição é nossa.

Anexo 5. Matheus Araújo (1)

Matheus Araújo é um escritor e poeta nascido no ano 1997 no Complexo da Maré e um dos fundadores do *Slam Maré Cheia*. Participou em múltiplas antologias e destaca por ter elaborado os seus livros e poemários próprios, destacando o livro *Maré Cheia* e o poemário de tipo *fanzine A Reza*.⁵⁶

Atuação no *Slam Maré Cheia* (2019)⁵⁷

Entrar na reta que o verso é o novo comando,
tá invadindo o morro e subindo todos os cantos.
Vários manos e minas se unindo pra bolar
um plano que empodera aqueles que precisar.
Esse é o crime perfeito que eu vou fortalecer.
Vou armar todos os crias com caneta pra escrever
dando tiro certo com a tinta no PA!-pel.
Quem disse que poeta precisa de bacharel?
O que movimento afirma é o que faltava no aval
Eu trafico informação,
o meu crime é passional
Chega aí pivete,
que o trabalho é zero bala,
avião do conhecimento e fogueteiro da palavra.
Essa daqui não é pra playboyzinho não,
se tentar se apropriar vai ficar todo perdido.
E pra fazer o sonhador virar o próprio caveirão
assalta vários livros pra blindar o coração.
Com o ponteiro na perna e a mente na ativa,
aqui não tem dono da boca,
isso é cooperativa.
E se tu acha que matando vai parar o movimento,
vem mais de mil cabeças pra ficar no fundamento.
Pra fundamentar os irmãos desse lugar
e abençoar todos como cada Orixá,
saindo pra ensinar nas velas do planeta
seja nas escolas ou com um copo de cerveja.
Essa bênção é da chefe que gerou as nossas vidas.
Obrigado, África,
esse é o bonde dos seus crias.

⁵⁶ Fonte: *Poeta Matheus de Araujo*, disponível em <<https://www.facebook.com/math.araujo.poesia/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁵⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7mf_HwFkf3c>. Transcrição disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ueRU11EaWJE>>. [Última consulta: 3/06/21].

Anexo 6. Matheus Araújo (2)

Atuação no programa *Manos e Minas* (2018)⁵⁸

Interpretação,
Interpretação,
Interpretação,
Interpretação,
Interpretação,
Terpretação,
Terpretação,
Terpretação,
Terpretação,
Ter preta ação.

Quem interpreta a sua ação?
Quantos pretos você já viu em ação?
Eu cresci vendo preto limpando o chão,
mas eu não vi ele pisar o mesmo chão.
Imagina uma imaginação sem imagem,
fica pela margem sem identidade
com receio de ir sem medo.

Mas a irresponsabilidade fala em línguas estranhas:

“não se preocupe com a minha pele branca,
temos todos alma negra”.

Engraçado que a sua alma negra não apanha,
engraçado que não é engraçado,
mas muito engraçadinho ainda faz gracinha
por não sermos agraciados
com as nossas próprias graças.

Se deixar os pretos out,
nóis empreta.

Pra deixar on que não estamos off.

Quem é cria não é criado,
e criado não se cria nas nossas criações.
E se o respeito com a gente não se cria?
A sua pomba vai girar na nossa gira.

E rir a ira
irá irrigar a maioria,
irritar a minoria ríspida.
Mas não só rir a ira,
sorria para as nossas conquistas.
Nada anula nulo nosso nome nisso.
Se nós construímos o espelho,
é através dele que eu quero ser visto.

Em qualquer campo de visão
eu quero interpretação
em ter preta em ação.
Então empreta, empreta,

⁵⁸ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=LiAJXZ6FEw0>>. [Última consulta: 3/06/21].

empreta esse espaço
que agora tá sendo negado.
Mas de outra forma.
E se você não entendeu meu texto
é que tá te faltando interpretação.
Mas eu, eu não vou deixar mais claro.

Anexo 7. Matheus Araújo (3)

Atuação no programa *Manos e Minas* (2018)⁵⁹

Vou falar pra quem quiser ouvir.
Falar pra lavar a alma, parceiro.
É por isso que eu vim, que tal?
Contar as histórias da terra daqui.
A história da terra daqui
também é a história da terra de lá de onde eu vim.
De onde eu vim.
Quilombo, favela, de beco e viela.
Minha história começa aqui,
de onde eu vim, eu vim.
De onde eu vim.
Tem África nela, rainha mais bela,
tem África dentro de mim.
Eu joga meu corpo no mundo
mas não deixo o mundo me jogar.
Meu corpo nagô, tem cheiro de flor,
mas também pode estourar.
A ginga rabisca na folha a mandinga
de como se esquivar.
Minhas vozes arranham silêncio
e dizendo as formas de malandrar.
Eu sou griô, eu sou.
Eu sou griô.
Para quem a cor da terra eu trago amor.
Eu sou griô, eu sou.
Eu sou griô.
Pela pele preta, pelas realezas,
Sou malandro griô.

⁵⁹ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=ueRU1EaWJE>>. [Última consulta: 3/06/21].

Anexo 8. Kauê Rodrigo

Participante do *Slam Caju*.⁶⁰

Atuação no *Slam Caju* (2020)⁶¹

Mãe solteira de mais um preto que nem eu,
sem perspectiva, sem acesso, sem saída.
Tudo que encontra é desprezo, carência,
o abraço das balas perdidas...
A Marvel não mostra mas aqui
todo dia surge uma nova heroína,
que só não tem o poder de parar as balas ainda.
Nuvens carregadas de balas que o estado descarrega.
Aqui chove mais que no inverno.
Chega de balas, manda educação, saúde que tão precária.
Suas balas tão matando nossas crianças,
não por diabetes, mas por ignorância...
Vagabundo, vagabundo, vagabundo...
é só o que a gente escuta quando sai da escola,
sem estágio de herdeiro, o que vamos fazer agora?
Tento ler mais, frequento teatro, museu, faculdade,
mantenho a minha mente informada
mas do enquadro não escapo,
do mão na cabeça, do queta desgraça!
Quero paz pra minha gente, ser preto sujeito,
nunca suspeito, longe das balas.
O medo da mãe preta é o filho preto,
quanto mais preto maior o medo...
Seu medo era do acontecido caído com a chave no trinco
Te amo meu filho.
Te disse, não usa esse brinco .
A minha caneta falha, mas ainda atira,
prazer me chamo Kauê, Neto de dona Rosilda!
mãe solteira de mais um preto que nem eu,
sem perspectiva, sem acesso, sem saída.

⁶⁰ Não foi possível encontrar a biografia deste participante.

⁶¹ Não foi possível encontrar a atuação em formato vídeo. Transcrição disponível em <https://www.facebook.com/slammcaju/posts/160078728877334>. [Última consulta: 3/06/21]

Anexo 9. PS Raio Negro

Representante do *Slam Brooklyn*, PS Raio Negro é um rapper, poeta, escritor e ator de 16 anos. Aluno concursado do Colégio Pedro II, ele faz arte desde pequeno mas foi em 2017 que iniciou os seus trabalhos artísticos no *sarau RuaSia* (Maricá, Rio de Janeiro). Desde então fortalece as suas habilidades líricas, as quais incluem uma crítica ao que ele julga como errado na sociedade brasileira e mundial. Ganhou vários prêmios em concursos literários do Brasil e Portugal e lançou um EP com o título de *Pingo de Gelo em Águas Ferventes*.⁶²

Atuação no *Slam Caju* (2020)⁶³

Nome: Bate cabeça
Vocês se imaginam vivos com 70 anos?
Já perceberam que a maior parte dos idosos são brancos?
No mesmo país onde nos fazem acreditar em meritocracia
Mas se é por merecimento,
por que demoraram 130 anos pra alguém estudar numa federal,
na minha família?
Por que eu sou fruto de gerações e mais gerações de pedreiros,
motoristas de ônibus, empregadas, cuidadoras.
Eles nos pagam pra mantermos o café quente pra eles,
e não nos importamos com a dor que há.
Pego pela depressão, ansiedade e a melancolia de noites vazias.
Te faz sentir esquecido.
A mesma sensação que Jesus teve
quando descobriu que pra ser aceito
teve que ser embranquecido.
Que a sua cor não te permite ir muito longe
E ainda assim, insistem que temos que agradecer
por estarmos vivos e podermos ir mais longe que ontem.
Enquanto tiver gente morrendo só por ter essa cor aqui,
eu não paro, na letra, nós falha, mas não erra.
Não aguento calado.
Essa porra é um cabo de guerra.
E se soltarmos a corda, seremos exterminados.
Acorda, homem preto,
o mundo te usa o quanto ele quer,
depois descarta.
Até porque, branco de gravata é empresário
e preto é só mais um cara de gravata.
Eu percebi a alienação quando aos sons do insultos de uma racista,
meu pai olhou no fundo do meu olho e disse

⁶² Fonte: *Rede de Slam RJ*, disponível em <<https://www.instagram.com/p/CHxwP36pla2/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁶³ Não foi possível encontrar a atuação em formato vídeo. Transcrição disponível em <<https://www.facebook.com/slammcaju/posts/159359158949291>>. [Última consulta: 3/06/21].

"tem que abaixar a cabeça".
É como se usassem aquele aparelho
que apaga memória do matrix e falassem "esqueça".
Seu passado, sua língua, seus parentes,
sua cultura, sua religião, seu nome.
Agora sua história é a do português,
sua língua é a portuguesa,
seus parentes tão mortos,
sua cultura que se foda,
sua religião agora é o cristianismo
e seu nome, bom,
toma aí meu sobrenome.
A gente morre se a gente parar de remar.
A gente morre se a gente parar de trabalhar.
A gente morre se a gente usar um guarda-chuva.
A gente morre, mesmo tendo dois, três ou cinco anos
e nossa revolta é cerrar o braço direito com uma luva.
"Nossa, PS, faz poesia marginal desde os treze,
agora com quinze amassando nos poema"
Nunca me elogio por fazer o que faço,
já que isso significa que nada mudou
e ele continua nos matando.
O sistema que deixa o bolso cheio de ar
e sufoca na garganta,
que ainda faz a gente vender almoço
pra comprar a janta.
Dizer que o racismo não existe é sim o seu defeito,
por que dizer isso é o mesmo
que dizer que no Brasil não tem preto.
Era por volta de mil e quinhentos e lá estava meu ancestral,
sentado ao trono de Portugal.
Porra, não, não é essa a história.
Tá confuso na Memória.
"Gente, meu nome é Maria Joaquina
Moro no Leblon, sou branca
e todo o fim de semana viajo pra Argentina.
Só que meu visual tá meio ultrapassado,
eu vou ter que mudar tudo.
O que é, agora branco não pode usar trança?
Cala a boca, cabelo duro.
Faz uma progressiva, alisa esse teu cabelo e me erra"
Opa, voltei, desculpa gente,
quando a minha parte Europeia fala mais alto
ela enche o cú de privilégio e fala merda.
Mas ela não é racista, só não tem como posso provar.
É que nem a indústria brasileira,
que não é racista e tem milhares de produtos pra deixar o cabelo liso
e nenhum pra encrespar.
Mas, sabe, nada de vale a minha palavra
por que eu já passei tanto tempo aqui,

que mais um preto entrou num saco preto
com uma bala atravessada.

Anexo 10. Lua Mística

Participante do *Slam Caju*.⁶⁴

Atuação no *Slam Caju* (2020)⁶⁵

O ser humano é gente.
Gente como a gente que machuca a gente,
camuflando falta de respeito e educação,
dizendo ser apenas diversão
O ser humano é gente .
Gente que manipula, usa, ilude...
E quando não consegue o que quer
O jeito é mexer os pauzinhos
para que a próxima pessoa que souber dessa história
olhe para a gente como u personagem principal
cujo o nome é: Filhe da puta.
O ser humano é gente.
Gente que usa todas as suas armas
para fazer a gente se sentir
frustrade, culpade, ansiose, depressive...
Insuficiente.
O ser humano é gente.
Pelo menos nessa versão de mundo
onde cada gente é diferente da gente.
Mas ainda me pergunto: O ser humano é gente?

⁶⁴ Não foi possível encontrar a biografia desta participante.

⁶⁵ Não foi possível encontrar a atuação em formato vídeo. Transcrição disponível em <https://www.facebook.com/slammcaju/posts/158981385653735>. [Última consulta: 3/06/21].

Anexo 11. Monra

Participante do *Slam Caju*.⁶⁶

Atuação no *Slam Caju* (2020)⁶⁷

Me reconheceram outro dia.
Não porque roubei alguma coisa,
mais é porque eu faço poesia.
Aí cria, um dia.
O poeta me falou que vida loca
é quem estuda então um belo dia.
Eu resolvi mudar,
resolvi que a faculdade de psicologia eu iria cursar.
Só que a família não tinha grana pra pagar.
Então o tempo perdido na escola,
eu teria que recuperar
E tipo a poesia de Sérgio Vaz:
meus caminhos eu só queria redirecionar.

⁶⁶ Não foi possível encontrar a biografia desta participante.

⁶⁷ Não foi possível encontrar a atuação em formato vídeo. Transcrição disponível em <https://www.facebook.com/slammcaju/posts/158596042358936>. [Última consulta: 3/06/21].

Anexo 12. Laura Conceição (1)

Representante do *Slam Veia Aberta*, Laura Conceição é MC e poeta nascida em Juiz de Fora, na região da Zona da Mata Mineira. Em 2017 foi vice-campeã mineira de poesia falada, classificando-se para o Campeonato Brasileiro de Slam. Também em 2017, criou o projeto *Poesia na Escola*, através do qual leva poesias, histórias e sonhos para crianças e adolescentes. Em 2018 fundou também o coletivo de poesia *Duas*, através do qual trabalha a escrita poética com crianças em estado de vulnerabilidade social.

Além disso, formou-se em Jornalismo pela UFJF, em Publicidade pelo CES/JF e atualmente cursa pós graduação em Gênero e Sexualidade na UFJF.

Em 2019 lançou o seu primeiro cd de *rap* com o título de *Tempos Efêmeros*.⁶⁸

Atuação no *Slam BR* (Final, 2017)⁶⁹

As mina vão tomar de assalto.
Não subo no salto alto.
Canto o meu o partido alto.
Faço como me convém.
Odeio facebook.
Minha vida levo a muque
do batente pro batuque.
Repente é poema também.
Engraçadinho veio falar da minha saia,
do meu tomara que caia.
Eu achei foi muito paia.
Machistas não passarão,
não sou da sua laia.
Sigo calendário maia.
Meu escritório não é na praia .
Eu sou Laura Conceição
e digo maissss:
quero passar.
Represento Minas Gerais.
Poemas armas não letais.
Hoje ninguém me cala mais.
É malandragem,
rap é pandeiro, é piano.
Eu não vim pra passar pano.
Se for pra tombar eu tombo,
ando pra frente e não pra trás
É que também
hoje em dia presidente é golpista.

⁶⁸ Fonte: *Rede de Slams RJ*, disponível em <<https://www.instagram.com/p/CHv3ZmaptuD/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁶⁹ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=YCmktAXSqNU>>. [Última consulta: 3/06/21].

Igreja é capitalista.
Governo é fascista.
Querem comprar seu amém.
Houve manifesto,
disso tudo eu sou inverso
Meu protesto é fazer verso.
RAP é poema também.
Eu moro no sudeste,
vivo longe do agreste
mas respeito o nordeste
e as mulheres que lá tem,
que são abusadas,
exploradas, mal tratadas,
iludidas, escravizadas.
Cordel é poema também.
Duvidaram de mim
pondo o dedo na minha cara.
Então eu fiz essa embolada.
Minha rima é rima rara
e eu não sou uma qualquer
defendendo feminismo.
Eu luto contra o machismo.
Então reflita sobre isso
ao desafiar mulher.
Tenho sangue de Frida Calo
e por isso não me calo.
Então não pisa no meu calo,
pois eu não vou me calar.
Descendo de guerreira,
minha vó cortava lenha.
Se vier de lenga lenga
uso a Maria da Penha.
Eu vou te denunciar.
Mas na moralllll.
Sossega o facho,
Minha cabeça não abaixo.
Sou dona do meu trabalho.
Não vou com policial.
Não uso lek,
eles usam cacetete
pra dar dura nos Muleke.
Tratando como animal
é só desafeto.
Não posso abortar o feto.
Te afeta meu afeto.
Homofóbico passa mal.
Tempo contado
se eu for contar errado
que acontece aqui do lado
Isso jamais terá final.

Mas veja bem,
preconceito é uma praga.
Liberdade Rafael Braga,
o povo ninguém apaga.
Ninguém anda muito bem.
Então é punição
para o aliciador,
pro boyzin estuprador,
pro deputado cheirador.
Repente é poema também
Mais que que tem?
Mais que que tem?
Disseram que eu só canto rap
Rap é poema também.
Mais que que tem?
Mais que que tem?
Disseram que eu só canto RAP.
RAP é poema também.
Então é isso mesmo,
nesse deixa que eu deixo.
Minas é de cair o queixo,
eu tenho orgulho de falar.
Minha vó em casa
deve estar rezando o terço.
Lembrarei dela com apreço.
Minas não é só pão de queijo.
Então respeite meu lugar.
O que que tem? O que que tem?
Disseram que eu só canto rap.
Rap é poema também.
Diz que que tem? Diz que que tem?
Disseram que eu só canto rap.
Rap é poema também.
Esse é meu esquema,
isso pra mim não é problema.
Meu negocio é poema,
e rap é poema também
Mas que que tem? Mas que que tem?
Disseram que eu só canto rap
Rap é poema também.
Cordel é poema também.
Repente é poema também.
Mas rap é poema também.

Anexo 13. Laura Conceição (2)

Atuação no *Slam BR* (Final, 2017)⁷⁰

Eu vou recontar, eu vou recontar,
eu vou recontar uma história .
Se você for forte que aguento.
Começa com “Era uma vez”,
mas o final não é felizes pra sempre.
Mulher é barriga no tanque
preparando o lanche,
de olha na panela de pressão,
panela de opressão.
Vivendo sem condição,
marido passando a mão e
não adiante dizer não.
E o medo de andar nas ruas sozinhas ao sair?
O risco do aborto ilegal
porque não há legal se eu não posso parir.
É história de chacina,
tão matando as mulher.
Aqui o ventre não é livre,
buscam proteção na fé.
Te forcem e empurram
em berço de alienação.
Deus fez a mulher da costela de Adão?
Ahhhh não!
Vou contar pra você
o verdadeiro mistério da fé.
Todo homem existente
ele nasceu de uma mulher.
Os boys pode transar com geral,
consta no estereótipo.
Mas se eu transo antes do casamento
eu vou pro inferno dos católico.
Inferno?
Inferno pra mim é na terra,
onde os boy leva as mina pro mato,
estupra e depois enterra.
Respeito não tem,
vou fazer a denúncia com quem
se a polícia estupra também?
Quando eu falo estupro,
não é só violência física.
O sistema estupra nossas ideias
todos os dias.
Não escutam nossa reclamação,

⁷⁰ Atuação e transcrição disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=vS48VNdhuw0&list=PLSyWL5VBjHR0ga6tygyPNFXSYYngt_LgS&index=16. [Última consulta: 3/06/21].

descaso a alma e coração.
É estupro sem penetração,
congresso composto
majoritariamente por homens.
E eu lamento
os boy não quer saber de criar,
só quer saber de gozar dentro.
Ai pobre moça,
é do tanque pra louça,
da louça pra força.
Vai perdendo a força
até tombar no chão.
Todo dia, todo ano.
Aproveita que tá no chão e
passo o pano.
Mas levanta do chão,
já é noite e noite é reprodução.
Aquele sexo que não é bom,
onde o homem goza, a mulher não.
A mídia romantiza
relações abusiva.
Sexo cama todo tormento.
50 tons de cinza?
Aqui é 50 tons de sofrimento.
Mas calma,
tô falando do roxo que fica na pele.
E o roxo que fica na alma?
Minha poesia é atual.
Eu preciso vir aqui falar disso
porque isso não passa no jornal.
Vim aqui marcar minha presença,
tentando fazer diferença.
Me chamam de sapatão
como se isso fosse ofensa.
Eu quero respeito sem faceta.
Eles tem medo pra caralho
da força de uma buceta.
Eles tem medo de seus filhos
verem casal gay na tv.
Eu tenho medo de meus filhos
verem Temer no poder.
Rede Globo apoiou a ditadura na tv,
polícia exhibe cassetete
quando com minha dama me vê.
Mulheres não podiam ir a guerra.
Mulheres vivem a guerra.
E eu tô pronta pro combate
pois na minha veia corre sangue delas.
Sangue de Joana de Arco,
vaca trepadeira,

vadia e puta.
O mundo enche a gente de nome,
a gente enche o mundo de luta-
Frida Kaloh, Dorothy Stang.
Então não me encosta,
se aproxima passa mal.
Simone de Beauvoir, Maria Rita.
Se for pra falar de todas jamais haverá final .
Esse verso é um aviso
pra toda e qualquer mulher.
Esse verso é um aviso,
quem avisa... Amigo é!

Anexo 14. Sabrina Azevedo (1)

Representante do *Slam Negritude*, Sabrina Azevedo nasceu no morro da Caixa D'Água em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. É atriz, escritora, humorista e produtora cultural. Foi bicampeã do *Slam RJ* em 2017 e 2018 e representou o Rio de Janeiro no *Slam BR* de 2017. Em 2019 venceu o *Torneio Nacional Singulares de Poesia*.⁷¹

Atuação no *Slam BR* (Final, 2017)⁷²

Mas eu só quero é ser feliz,
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci.
E poder me orgulhar e ter a consciência
que o pobre tem seu lugar.
Nós só queremos ser felizes, mas felicidade eterna
nos prédios, nos becos, nos altos das favelas.
Eu me lembro bem, dormindo na rua era.
Ritmo de samba e charme,
crianças brincando
enquanto rolava aquele churrasco na laje.
Meninos e meninas jogando bola,
queimado, pique-bandeirinha e taco.
Eu trocava as garrafas do meu pai por sorvete
e ele ficava bolado.
No pique-pegas ninguém me pegava,
eu era ligeira, criança bicho solto.
No pique-esconde da favela era 1 2 3 salve todos.
Mas correria mesmo era dia de São Cosme e Damião,
mochila estava cheia e eu carregava na mão.
Também gostava de brincar de polícia e ladrão,
Coisa que nunca influenciou
na escolha da minha profissão.
Mas mesmo conhecendo a rua
minha raiz foi regada,
neta de índia, vivia na mata.
Lá eu também brincava, corria, subia em árvore,
me alimentava, me balançava em cipó
e as vezes lá de cima eu despencava.
E mas uma vez meu pai bolado,
mas eu era compreendida.
A infância dele também foi parecida.
O olhar era sério mas também dizia:
aproveita filha, isso vai virar lembrança um dia.
Então eu cresci e embarquei no trem expresso sem direção
Conflitos entravam em minha mente.
A cada estação, tristeza, ansiedade e depressão.

⁷¹ Fonte: *Rede de Slam RJ*, disponível em <<https://www.instagram.com/p/CHxoKyhJYp2/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁷² Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=5cQ7uKABdJw>>. [Última consulta: 3/06/21].

Pensei em tirar minha vida,
mas a poesia foi a minha salvação.
Mas uns amigos ficaram sozinhos no vagão,
não tiveram outra opção.
Não conheceram a poesia,
do pique-pega eles foram em direção a guilhotina.
E eu me lembro bem do choro daquela tia,
agarrada na perna do assassino
e pedindo que por favor não matasse seu filho.
Mas pouuu!
Ele foi executado.
Jefferson da Silva, o meu amigo assassinado.
Não teve futuro, morreu no presente,
só viveu no passado.
Mas minha lembrança é ele jogando
bolinha de gude do meu lado.
Ai quem me dera se a vida fosse uma eterna infância,
sei que nem todas serão iguais a minha
mas eu ainda tenho esperança
de que criança viva como criança
e que ali para ela a vida seja uma eterna brincadeira.
E para os pais desorientado saibam:
um gesto errado afeta a criança pela vida inteira.
Então que nossas lembranças sejam nossas heranças
Porque brincadeira de criança, pais dos favelados,
é paz amor e esperança.

Anexo 15. Sabrina Avezedo (2)

Atuação no programa *Manos e Minas* (2018)⁷³

27 de agosto de 2015 e ele disse:
"viu mãe, disseram que eu não chegaria aos 18.
Veja só, eu estou aqui eu não estou morto".
Uma semana depois um tiro de fuzil atravessou sua cabeça,
mas pra quem entra pra essa vida
a morte é quase uma certeza.
Sua mãe indo ao local achando
que ele só tinha sido preso, sendo enganada.
Ela mal sabia o que a esperava.
Ela viu os miolos do seu filho espalhados naquele carro.
O seu castelo caiu em pedaços.
E o policial que matou ria,
e do outro lado da rua alguém gritava:
"ele merecia".
Ninguém respeitava a dor que aquela mulher sentia.
Ali pra ela não estava o seu filho,
o bandido/criminoso,
estava o seu filho morto tão novo.
Antes da sua morte até eu achei que ele iria sair dessa,
foi assim que ele deixou a entender
em nossa última conversa.
Mas enfim, eu acho que hoje isso já não interessa.
Pois bem,
vamos falar da dor daquela mãe,
de todo sofrimento e sentimento de culpa.
Ficava se perguntando onde tinha errado
para o seu filho ter tido uma vida tao curta.
No seu rosto nao existia mais alegria.
No quarto ficou chorando da noite ao dia.
Para Deus rezava e pedia:
"perdoai meu filho pai,em tuas mãos eu entrego a minha cria".
No dia do enterro muita dor, choro e desespero,
e alguém gritava novamente:
"porque vocês estão chorando,
ele merecia, ele estava errado".
Respeitamos a sua opinião,
mas não é porque ele entrou para esta vida
que deixamos de amá-lo.
No silêncio e continuamos a observar no caixão
aquele rosto desfigurado.
Lembranças da infância vinham a todo lado.
Ali tinha irmão, primos, tios e tias,
todos da família imaginavam a dor que aquela mulher sentia.
Mas nada a consolaria,

⁷³Atuação e transcrição disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LUWyI5iPIQ0>>. [Última consulta: 3/06/21].

porque não importa se é certo ou errado.
Mocinho ou bandido
nenhuma mãe merece sentir a dor
de perder um filho.

Anexo 16. Mel Duarte

Mel Duarte é uma escritora, poeta, *slammer* e produtora cultural que nasceu no ano 1988 em São Paulo e que atua com literatura desde 2006.

Em 2016 destacou no *sarau* de abertura da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e foi a primeira mulher em vencer o *Rio Poetry Slam*. Em 2017 foi convidada a representar a literatura brasileira no *Festilab Taag* (Luanda, Angola) e em 2019 foi a primeira *slammer* negra brasileira em lançar um disco de poesia falada, com o título *Mormaço- Entre outras formas de calor*.⁷⁴

Atuação no *Rio Poetry Slam* (vencedora, 2016)⁷⁵

Verdade seja dita,
você que não mova sua pica pra impor respeito a mim.
Seu discurso machista, machica,
e a cada palavra falha.
Corta minhas iguais como navalha.
NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADA!
Violada, violentada,
seja pelo abuso da farda
ou por trás de uma muralha,
minha vagina não é lixo
pra dispensar as tuas tralhas.
Canalha!
Tanta gente alienada
que reproduz seu discurso vazio.
E não adianta dizer que é só no Brasil,
em todos os lugares do mundo
mulheres sofrem com seres sujos
que utilizam da força quando não só, até em grupos!
Praticando sessões de estupros que ficam sem justiça.
Carniça!
Os teus restos nem pros urubus jogaria
porque animal é bicho sensível,
e é capaz de dar reboição num estômago já acostumado com tanto lixo.
Até quando teremos que suportar
mãos querendo nos apalpar?
Olha bem pra mim, pareço uma fruta?
Onda na minha cara ta estampado: Me chupa?!
Se seu músculo enrijece quando digo NÃO pra você,
que vá procurar outro lugar onde o possa meter.
Filhos dessa pátria,

⁷⁴ Fonte: *Mel Duarte Poesia*, disponível em <<https://melduartepoesia.com.br/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁷⁵ Atuação disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rpzoaeli0gU&t=20s>>. Transcrição disponível em <<https://brisasavulsas.blogspot.com/2014/12/verdade-seja-dita.html>>. [Última consulta: 3/06/21].

mãe gentil?
Enquanto ainda existirem Bolsonaros
eu continuo afirmando:
a mesma que aduba esse solo fértil,
a mesma que te pariu!

Anexo 17. Dudu Neves (1)

Dudu Neves mora na Cidade de Deus e foi o criador do *Slam Melanina*. Participou na final estadual do *Slam RJ* no ano 2018.⁷⁶

Atuação no programa *Manos e Minas* (2019)⁷⁷

Senhora que amamenta o solo fértil dessa terra,
solo de nossos que eles tentam maquinizar.
Senhora que fez arroz e feijão
pra senhorzinho e senha jantar.
Senhora que beija minha testa,
que na cabeça carregou jarros e panelas.
Mulheres tão belas que fugiram da fera
Pois cansaram de apanhar.
Senhoras guerreiras, mães solteiras,
que não seguiram a receita popular.
Essência de Nanã e Oxalá.
Mãe, mamãe, mainha,
deusa que me acaricia,
deusa que benze meu caminhar
Senhoras como Valquíria,
que sente até hoje a dor de perder sua cria.
Vidas negras tiradas pelo estado e sua ira.
É que eu vi uma negra linda, negra anja,
anja linda, negra anja,
a preta angela que zela por mim.
Eu pensei que era meu fim o proceder,
achei que ia perecer
é que eu já fiz 18 anos.
Estado quer me prender,
intervenção quer me prender.
Então reaja, reaja, reaja
oh filho meu!
Ouça voz da preta que me alimentou mas não comeu,
que se prostituiu quando emprego perdeu,
que deu sua cara a tapa quando todo mundo correu.
É que papai vadiou, mamãe gostou.
Mamãe engravidou, papai ralo.
E assim sete filhos foram criados.
É que Deus é a mãe,
se fosse pai já teria me abandonado.

⁷⁶ Fonte: *Slam Laje*, disponível em <https://m.facebook.com/watch/?v=156135405060324&_rdr>. [Última consulta: 3/06/21].

⁷⁷ Atuação disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MQLWYMSuzYw>>. [Última consulta: 3/06/21]. A transcrição é nossa.

Anexo 18. Dudu Neves (2)

Atuação no programa *Manos e Minas* (2019)⁷⁸

Ainda posso ouvir
as correntes se arrastar,
o chicote marcar.
Marcas que ainda posso sentir.
Ainda posso ouvir
o som da sirene da viatura tocar.
O gatilho apertar a tirar num menino daqui.
É que arrastaram Cláudia, Rafael Braga em uma jaula.
Marielle morta.
Vão vir atrás de mim.
Tanta ferida exposta,
tanto luto cravado na memória.
Menor com uniforme da escola não conseguiu reagir.
E eu ainda tenho que resistir
E eu ainda tenho que resistir
E eu ainda tenho que resistir.

⁷⁸ Atuação disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6oHnCP6_IVk>. [Última consulta: 3/06/21]. A transcrição é nossa.

Anexo 19. Kaya Matheus (1)

Representante do coletivo *Nós ds Rua Poesia*, Kaya Matheus é um poeta de 24 anos que nasceu em São Paulo e que hoje toma as escritas. É palestrante, *slammer*, *slammaster* do *Slam do Bronx* (São Paulo) e autor de múltiplos livros: a coleção *Zine das Ruas*, o ensaio *O Silêncio me Disse* e o livro *Verbo Rasgado*, para além de ter criado antologias do *Slam Resistência* e *Slam da Guilhermina*.⁷⁹

Atuação no programa *Manos e Minas* (2018)⁸⁰

Para alguns poeta é guru,
para outros poeta é louco
que só porque faz poesia
se acha melhor do que os outros.
Mal sabem muitos o quanto o ou a poeta sofre
para fazer o público sorrir.
No final das contas,
poema é apenas desabafo.
Eu no meio de uma brisa minha tava pensando:
“eu devia parar com a maconha,
porque haja dinheiro para dar esses coiso”
O pessoal de casa mantém o discurso de que
“não, porque é ilegal,
se a polícia te pega,
você se da mal”
A polícia, por sua vez,
mantém a arma na mão,
o discurso na ponta da língua de que
“não, porque é ilegal,
se eu te pego de novo, eu te quebro,
neguinho, na moral!”
Moral, mano?
Da hora moral vindo de vocês
que vestem a camisa da seleção,
tomar banho numa banheira de vergonha,
ainda brincando com um patinho de borracha.
E a moral nos seus grandes textos do Facebook,
em prol da vida e armamentista?
Eu só vejo concordância na sua conjugação verbal.
Mal sabem muitos,
mas menor de sete anos na favela
já faz parte da manutenção dos fatos.
E nunca alteram os fatos.
No meu quintal já tem milhares de corpos enterrados

⁷⁹ Fonte: *Rede de Slam RJ*, disponível em <<https://www.instagram.com/p/CHxmQdyJIAR/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁸⁰ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=A0Gtikhwrbo>>. [Última consulta: 3/06/21].

servindo de adubo para quê.
Eu não sei.
Mas o que crescer
com certeza será imundo.
Frutos da inocência de um povo
que nunca fora liberto.
Hoje nós pagamos por nossas jaulas.
Preso no diploma,
preso no dia 5,
preso na opinião dos outros sobre a nossa aparência,
E eu particularmente tô preso no dia que o meu VR consta.
Mas voltemos para as aulas de sociologia
“Ok, Google, o que é mais-valia?”
Mais vale o meu trabalho do que o meu salário.
Trabalho as dores.
Somos, sim, guerreiros,
mas somos também otários
E o pior é quando leigo,
dando uma de revolucionários.
Anarquia não se resume a punk,
pichação e coquetel molotov.
Lava a louça, faz uma para a mãe em casa.
Depois você vem militar na rua,
ô black block.
Essas pessoas cansam a minha beleza
que já é mínima.
Mas imagina se só existisse extremo esquerdista:
“ai, credo, ele é destro”
“ai, que nojo, joga xadrez só com as peças brancas”.
Falar de extremo direitista não dá graça
porque não dá para fazer piada.
Chega a dar ânsia.
Para nazista, meu dedo.
Para racista, meu dedo.
E para fãzinho de deputado engomadinho,
Vai meu dedo também
que eu quero que vocês se explodam.

Anexo 20. Kaya Matheus (2)

Atuação no programa *Manos e Minas* (2018)⁸¹

Em nossas libras nossas bandeiras e hipocrisias.
Cuidado com seu “ismo”, seu “ista”
para não acabar na lista dos que ataca.
Dizem que é defesa.
Daí sua militância se torna bêbada,
não equilibrista.
Pendula para o lado,
tropeça em falsas notícias,
e o pior é que acredita.
Mas, que verdade é mais verdadeira?
A minha ou a sua mentira?
Julgamento é ilusão,
enche a cara com o que lhe falam
e não pesquisa em outro tipo de destilado, não.
Mas não escolher nada também é opção,
então vamos para outro ponto da questão.
Ainda não enxergamos a macro,
ainda não sentimos o micro,
ainda nos preocupamos em sermos bem de vida,
mas nem nos importamos em estarmos vivos.
Mas atente-se,
pois eu disse “ainda”.
A correção não estará numa conversa
à la partida de truco.
Para ser mais didático,
sinônimo de diálogo é respeito mútuo.
Cuidado com seu “ismo”, seu “ista”.
Se é atacando que conquistaremos a harmonia
então libera as armas,
abaixa a maioria penal aí,
solta a pena de morte.
A paz é uma aposta, tio.
Ninguém compra o número da sorte.
Quem me dera que os nossos sonhos não fossem utopia.
Se pergunte: chegando no topo, o que faria?
Seus desiguais, discriminaria?
Equidade.
Coloca esse termo no seu dia a dia
e talvez assim o sol
para todos um dia brilharia.
Cuidado com seu “ismo”, seu “ista”.
Ficar em uma ponta da outra extremidade se afastaria

⁸¹ Atuação e transcrição disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jyzmExYqR80>>. [Última consulta: 3/06/21].

e discurso de igualdade a que serviria?
O vento que venta lá, venta cá.
E como diria Fernão,
a vida não é só uma linha.
Eu poderia ficar horas aqui dissertando,
mas para muitos é só brisa minha.

Anexo 21. Chal Enigma

Representante do *Slam BXD*, Chal Enigma é um *slammer*, *slammaster*, músico, poeta e ator de 22 anos. Morador de Nova Iguaçu, baixada fluminense do Rio de Janeiro, é também integrante do coletivo *Nós da Rua Poesia*. Destaca no movimento *slam poetry* onde coleciona 23 títulos atualmente.

Como ator, participou na novela *Bom Sucesso* da Rede Globo e no filme *Saudade do Futuro* de Anna Azevedo.⁸²

Atuação no *Slam Resistência* (2019)⁸³

Políticos batem na pátria.
Eu venho pique Maria da Penha.
Quero um futuro melhor
que Mauricio de Souza não desenha.
Desdenha.
Quando soltar fogos não é São João,
aqui é fogo no pneu e não fogo na lenha
No morro tem muito campeão
mas não deixam eles ser Niemeyer,
só Beira-mar ou Lampião.
O verde é esperança da nação
mas por causa de um verde no bolso
eu vi vermelho no chão.
Aqui o sol nem brilha mais,
mossa bandeira não tem amarelo.
Sem "din" pros Nike,
nós bota prego no chinelo.
Aqui a pista é salgada,
as crianças não tem grana pra marshmallows.
As pele tem cor de caramelo.
Depois que fizerem escola
venham falar de camaró (sic.) amarelo.
E o céu azul escureceu.
A ordem e progresso desapareceu
quando o sonho da criança faleceu.
O menor amadureceu,
ou melhor endureceu,
e o ódio só cresceu.
Ainda preservo o amor nobre
no coração de um plebeu.
Eis aqui um filho teu.
És mãe gentil,
filho abortado do sistema

⁸² Fonte: *Rede de Slams RJ*, disponível em <https://www.instagram.com/p/CHxnoRPJ_zu/>. [Última consulta: 3/06/21].

⁸³ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=9LnA5KTGuHw>>. [Última consulta: 3/06/21].

e abordado pela civil.
E você nem viu.
O gado marcado não tem nome,
tem números.
Filhos não registrados
que o pai...ís não assumiu.
E não passa de um civil.
Um rapaz comum.
Se é famoso tem choro e protesto
mas favelado é menos um.
Onde a falta de educação reina
e o proibidão impera.
Nesse império onde fazem marchinha de carnaval
eu faço marcha de guerra.
No microfone só sniper patriota
que mira e não erra.
Pique Policarpo Quaresma.
No rio 40^a graus, peito frio mas nós não gela.
Vim tremer a mente da nação,
não só a bunda e a perna.
Respeita mais um Poeta da Favela!!!

Anexo 22. King (1)

Representante do *Slam da Quarentena*, King é uma artista nascida em Itapeverica da Serra, na zona sul de São Paulo. Iniciou-se no *slam poetry* em 2018 e participou da competição estadual e nacional alcançando o título de vice-campeã nacional.

Em 2019 criou o projeto *Afroraízes*, uma oficina de escrita criativa na Cidade de Deus. Também neste mesmo ano conseguiu chegar de novo ao campeonato brasileiro de poesia falada com o título de Bi Vice Campeã Nacional.

Nas suas poesias transborda a vivência da mulher preta e LGBT periférica.⁸⁴

Atuação no programa *Manos e Minas* (2019)⁸⁵

Fechem os olhos por favor.
Agora imaginem uma fada.
Imaginem um doutor.
Imaginou?
Imagine uma princesa.
Imagine um super-herói .
Abram os olhos e me digam:
quantos deles são negros?
Agora que a reflexão dói
quando dizem que somos representados.
Eu sei que você percebeu essa diferença
só de ta de olhos fechados.
Minha fada não tem asas.
Minha fada usava turbante.
Lutou na guerra mas foi esquecida pela história
porque foi considerada irrelevante.
Meu doutor?
Meu doutor calou a boca de anticotista.
Enfrentou a vida e virou médico de neurocirurgia.
Minha princesa,
ah, francamente.
Ela foi assassinada mas ela ta aqui ó, presente.
Meu super-herói, King, tinha o mesmo sonho que eu,
quem diria.
Trazer pra periferia muito mais que os sonhos de padaria.
Eu disse pro moleque: “você vai voar, esse é seu destino”.
Acho que ele entendeu errado,
ele virou aviãozinho.
Não demorou muito e pow, pow, pow,
é tiro, é tiro é tiro .
A PM não pensou duas vezes antes de tirar a vida do menino.

⁸⁴ Fonte: *Rede de Slams RJ*, disponível em <<https://www.instagram.com/p/CHxn3YrpAAQ/>>. [Última consulta: 3/06/21].

⁸⁵ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=BZUD8rUwwdw>>- [Última consulta: 3/06/21].

Sabota aí que escorre a lágrima.
Seu maior erro foi não ter no peito um colete à prova de balas Brasil.
Seu racismo se camufla igual a farda de exército na mata.
Não mata, não mata, espera,
deixa eu pelo menos terminar essa poesia.
Deixa eu pelo menos ensinar o amor próprio pra minha filha.
Progressiva?
Não filha, por que você ta fazendo isso?
Mãe, você ta por fora,
a Barbie tem cabelo liso.
E quantas vezes você viu essa cena?
Uma criança branca rica se jogando no chão da Ri Happy pedindo uma boneca preta?
Chega!
Eu já perdi minha paciência.
Eu tento mas às vezes parece que eu não consigo.
Já que eu não sei de nada então me fala:
qual era a cor de Cristo?

Anexo 23. King (2)

Atuação no programa *Manos e Minas* (2019)⁸⁶

Então, me explica King,
por que você faz poesia?
Porque eu vejo um mundo onde o gari
recolhe o lixo com um sorriso no rosto.
Eu vejo uma mãe ter força para parir um filho sem um real no bolso.
Eu vejo um filho dar para a sua mãe só desgosto.
Vejo meninos viciados com uma corda no pescoço.
Eu vejo o meu povo negro escalando no fundo do poço.
Vejo minhas irmãs indo para bailes para distribuir,
ou na maneira mais bonita de falar, “curtir”.
Vejo lança, pó, maconha e cigarro.
Não que eu não dê uns tragos,
mas você percebe o estrago?
Vocês acham que eu já falei muito.
Na verdade não falei metade.
Seria diferente se os pais incentivassem ao invés de morar junto:
“filha, vai para a faculdade”.
Eu sei que incomoda o Estado,
incomoda os boy,
incomoda os infeliz
toda vez que um moleque de escola pública se torna juiz.
Eu sei que incomoda os machista,
incomoda os trouxa,
incomoda os patrão
quando a filha da empregada se torna aeromoça
ou dona do avião.
Te incomoda quando uma mulata dessas
você não encontra na sua playlist do X-Vídeos.
Enquanto isso, ela cola com os parceiros
e manda um rap de improviso.
Eu sei que incomoda, e é para incomodar,
quando um moleque de favela escolhe ser Escobar
ao invés de estudar.
Mas pera aí, King.
O que a poesia tem a ver com isso?
A poesia serve para uma muleta para o aleijado,
serve como um tanque de guerra contra o Estado.
Como um bengala para o cego,
como uma aula extra para o aluno nota zero.
Serve para uma lata de spray para o grafiteiro,
uma roda de rima para o freestyleiro.
Como os 12 discípulos para Cristo,
e você ainda me pergunta
o que a poesia tem a ver com isso?

⁸⁶ Atuação e transcrição disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=UWz30maQukA>>. [Última consulta: 3/06/21].